



UFU - Universidade Federal de Uberlândia

Física Licenciatura - INFIS

BRENDA CRISTINA SCARTEZINI

**UMA ANÁLISE DO PET FÍSICA LICENCIATURA DA UFU A PARTIR DO OLHAR
DOS PIONEIROS**

Uberlândia

2024

BRENDA CRISTINA SCARTEZINI

Uma Análise do PET Física Licenciatura da UFU a Partir do Olhar dos Pioneiros

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Física da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Física.

**Orientadora: Profa. Dra. Alessandra
Riposati Arantes**

**Uberlândia
2024**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S287 2024	<p>Scartezini, Brenda Cristina, 2001- Uma Análise do PET Física Licenciatura a Partir do Olhar dos Pioneiros [recurso eletrônico] / Brenda Cristina Scartezini. - 2024.</p> <p>Orientadora: Alessandra Riposati Arantes. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Física. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Física. I. Arantes, Alessandra Riposati, 1975- (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Física. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 53</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Curso de Graduação em Física - Licenciatura

Av. João Naves de Ávila, nº 2121. Campus Santa Mônica - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239 4417 - <http://www.infis.ufu.br/graduacao/fisica-licenciat> - cofis@ufu.br



Ata de Defesa - Graduação

Curso de Graduação em:	Física, grau licenciatura				
Defesa de:	Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC - II) - INFIS31003				
Data:	30/04/2024	Hora de início:	18:30	Hora de encerramento:	20:00
Matrícula do Discente:	11911FIS225				
Nome do Discente:	Brenda Cristina Scartezini				
Título do Trabalho:	Uma análise do PET Física Licenciatura a partir do olhar dos pioneiros				

Reuniu-se na sala 5R-A 214 no Bloco 5R, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Física, grau Licenciatura, assim composta: **Profa. Dra. Ana Cláudia Molina Zaqueu Xavier - IME/UFU, Prof. Dr. Gustavo Foresto Brito de Almeida - INFIS/UFU e pelo Profa. Dra. Alessandra Riposati Arantes - INFIS/UFU**, orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos, o presidente da mesa, Profa. Dra. Alessandra Riposati Arantes apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público e concedeu ao discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do curso.

A seguir, o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos membros da banca examinadora, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

(A)provada.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Alessandra Riposati Arantes, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/05/2024, às 17:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gustavo Foresto Brito de Almeida, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/05/2024, às 17:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Cláudia Molina Zaqueu Xavier, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/05/2024, às 18:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5356139** e o código CRC **34E7FC16**.

Dedico este trabalho aos meus pais, pela constante inspiração e apoio inabalável ao longo da minha trajetória acadêmica. Sem o amor e o apoio de vocês, esta conquista não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade estar aqui e de concluir mais essa etapa. Sinto que fui atendida diversas vezes nessa caminhada da graduação, em cada semestre, prova e inseguranças colocadas em Tuas mãos.

Não há outra forma de começar esses agradecimentos sem ser pensando nos meus pais, Simone e Jefferson, que sempre me incentivaram a ser quem e o que eu quisesse ser. Que não mediram e não medem esforços para me ajudar, me incentivar e me impulsionar a continuar esse caminho pela busca dos meus sonhos. Não posso deixar de mencionar aqui o meu irmão Jhonathan e a minha cunhada Natália. Meu irmão que sempre conversou comigo sobre a importância de se preparar para o momento da faculdade, que me mostrou as muitas dificuldades encontradas no caminho, mas também a importância da persistência para perseverar. Minha cunhada que sempre ouviu os meus desabafos e incentivou meus sonhos, que é a alegria para as horas boas e acolhimento para os momentos difíceis. Agradeço também a meu sobrinho e afilhado Luis Afonso, que chegou a poucos meses para nos encher ainda mais de amor. Meu amor por vocês é imensurável. Vocês são meu combustível nos dias turbulentos e difíceis.

Agradeço ao Fabrício por todo amor, cuidado e pelo companheirismo nessa etapa final. É especial ter alguém para dividir os sonhos, as expectativas, os medos e as inseguranças. Obrigada por todo apoio e encorajamento, por me ajudar a esfriar a cabeça e acalmar o coração. Que venha nossa colação de grau!

Agradeço especialmente a duas mulheres do Instituto de Física que desempenham um trabalho incrível. Obrigada Alessandra por ter me orientado tanto na iniciação científica quanto no trabalho de conclusão de curso, por me incentivar a participar dos eventos e a escrever, por ter sido meu ponto de partida no estudo da obra de Paulo Freire e por me encorajar a trilhar uma carreira. Obrigada Mariana por ser essa tutora do PET Física Licenciatura de excelência, por não medir esforços para nos ajudar e fazer o programa acontecer. Obrigada por toda dedicação e cuidado que tem por nós.

Agradeço a todos os PETianos que participaram comigo do programa enquanto eu estive lá, e em especial àqueles que compartilharam seus relatos para que esse trabalho se tornasse possível. Que os próximos tenham uma participação tão satisfatória quanto a nossa!

Agradeço aos meus amigos e colegas de curso pelos momentos de colaboração, de estudo em grupo, de trabalho em equipe nos eventos e pelas confraternizações ao longo desses anos.

RESUMO

O presente trabalho investigou o impacto do Programa de Educação Tutorial (PET) na formação inicial dos primeiros integrantes do grupo do curso de Física Licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia, utilizando a pesquisa narrativa por meio de cartas (auto)biográficas dos participantes. As narrativas revelaram experiências pessoais, transformações individuais e o papel significativo do PET na formação dos alunos. A análise das cartas permitiu explorar nuances emocionais, trajetórias de aprendizado e percepções dos participantes, enriquecendo a compreensão do fenômeno em estudo. Os relatos destacaram a importância de um curso que respeita a autonomia do educando, do apoio mútuo entre os integrantes do grupo, da boa comunicação entre o grupo e a tutora, da realização de sonhos e desejos individuais em prol do coletivo. A valorização do trabalho da tutora evidenciou a importância de um trabalho que é feito com seriedade, afetividade e amorosidade. Essas conclusões ressaltam não apenas o impacto positivo do PET na vida dos participantes, mas também a importância de uma abordagem educacional que valorize o indivíduo e promova o desenvolvimento integral dos alunos.

Palavras-chave: Narrativas (Auto)biográficas; Programa de Educação Tutorial; PET Física Licenciatura.

ABSTRACT

The present study investigated the impact of the Tutorial Education Program (PET) on the lives of the first members of the Physics course group at the Federal University of Uberlândia, using a narrative approach through autobiographical letters from the participants. The narratives revealed personal experiences, individual transformations, and the significant role of PET in the students formation. The analysis of the letters allowed for the exploration of emotional nuances, learning trajectories, and participants' perceptions, enriching the understanding of the phenomenon under study. The accounts highlighted the importance of a course that respects the autonomy of the learner, mutual support among group members, good communication between the group and the tutor, and the fulfillment of individual dreams and desires for the collective. The appreciation of the tutor's work highlighted the importance of work done with seriousness, affection, and loving care. These conclusions emphasize not only the positive impact of PET on the lives of the participants but also the importance of an educational approach that values the individual and promotes the holistic development of students.

Keywords: Autobiographical Narratives; Tutorial Education Program; PET Física Licenciatura.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBP	Coordenadoria de Bolsas no País
CLAA	Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação
CNPq	Conselho Nacional de Pesquisa
CNV	Comunicação Não-Violenta
DEPEM	Departamento de Projetos Especiais de Modernização e Qualificação do Ensino Superior
DIREN	Diretoria de Ensino
FACE	Faculdade de Ciências Econômicas
IES	Instituições de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MCP	Movimento de Cultura Popular
MEC	Ministério da Educação
NUPES	Núcleo de Pesquisa do Ensino Superior
PET	Programa de Educação Tutorial
PNA	Programa Nacional de Alfabetização
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
SESI	Serviço Social da Indústria
SESu	Secretaria de Ensino Superior
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UnB	Universidade de Brasília
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1	Quem foi Paulo Freire?	14
2.2	Algumas concepções defendidas por Paulo Freire	16
3	O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET)	19
3.1	O PET Física Licenciatura.....	24
4	METODOLOGIA.....	26
4.1	A pesquisa narrativa	26
4.2	A narrativa (auto)biográfica	29
4.3	Cartas na narrativa (auto)biográfica.....	31
5	O OLHAR DOS PIONEIROS	32
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	48
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

1 INTRODUÇÃO

O Programa de Educação Tutorial (PET) é desenvolvido por estudantes da graduação das Instituições de Ensino Superior, com o auxílio de um docente que é o tutor. É destinado a alunos que possam dedicar pelo menos vinte horas semanais ao programa, que sejam proativos e que tenham capacidade de trabalhar em grupo. Os discentes precisam manter um bom rendimento acadêmico, que é acompanhado pelo tutor por meio do histórico escolar, podendo ter apenas uma reprovação ao longo de sua trajetória enquanto PETiano. O PET é pautado na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, oferecendo aos alunos condições de realizar atividades extracurriculares que complementem a formação. Além da preocupação com a qualidade da formação acadêmica, há uma preocupação com a formação ética e social reforçando a questão da cidadania, da consciência social, da formação como pessoa humana e membro da sociedade.

Há diversas pesquisas e estudos sobre a relevância dos Programas de Educação Tutorial (Martins, 2007; Balau-Roque, 2012; Drebes et al., 2012; Martins et al., 2020). Esses trabalhos sustentam e afirmam a importância da permanência do programa. Uma vez que muitas das atividades pensadas pelo grupo são voltadas para a comunidade acadêmica, como monitorias, minicursos, palestras, rodas de conversa, oficinas e entre outras, a contribuição não é apenas para quem faz parte de um grupo, mas também reflete nos demais graduandos, colaborando com o aumento da qualidade na formação discente e ofertando atividades extracurriculares de variados assuntos.

A ação em grupo e a dedicação ao Curso permitem desenvolver a capacidade de trabalho em equipe, facilitar a compreensão das características e dinâmicas individuais, bem como a percepção da responsabilidade coletiva e do compromisso social. A inserção do Grupo dentro do Curso permite que estas capacidades se disseminem para os discentes do Curso em geral, modificando e ampliando a perspectiva educacional de toda a comunidade. Este desenvolvimento deverá ter interação dinâmica com o Projeto Pedagógico do Curso, em processo de mútuo aperfeiçoamento (Brasil, 2006).

Desde 2020, o curso de Física Licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia, conta com um Grupo PET, composto por dez participantes, sendo 8 bolsistas e 2 não-bolsistas, sob tutoria de uma docente do curso. Por ser um programa que se preocupa com a qualidade da formação acadêmica e cidadã dos estudantes, que busca complementar e enriquecer a graduação por meio de atividades extracurriculares que agrupam ensino, pesquisa e extensão, esse grupo é uma rica fonte de informação que nos auxiliou na investigação sobre a importância de

participar dessas atividades extracurriculares, em especial o PET, focando nos proveitos para a formação pessoal e acadêmica.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo investigar a seguinte questão: “Quais são as contribuições e o impacto do PET na formação acadêmica e pessoal dos primeiros participantes do grupo do curso de Física Licenciatura da UFU?” Essa pesquisa pode ser de grande importância para o programa na medida em que será possível perceber quais são os impactos do projeto, e possivelmente visualizar como ele pode ser aprimorado, ajudando na avaliação e no aperfeiçoamento do trabalho desenvolvido pelos PETianos.

Para isso, será realizado um levantamento histórico do Programa de Educação Tutorial tendo a Pesquisa Narrativa como precursora metodológica. A Pesquisa Narrativa é uma metodologia qualitativa com foco na vivência humana, tendo como uma característica a colaboração entre pesquisador e participantes. O objeto de estudo são as histórias narradas que podem ser produzidas de maneira verbal e/ou escrita, ficando a cargo do pesquisador decidir o que melhor se enquadra para responder sua questão de pesquisa (Clandinin e Connelly, 2015). Os dados serão produzidos por meio de cartas contendo relatos (auto)biográficos dos primeiros PETianos do grupo Física Licenciatura, com o intuito de investigar a contribuição e o impacto dessa participação na sua formação inicial (Negrão e Gonzaga, 2022). Por fim, as narrativas produzidas serão analisadas a partir do referencial teórico de Paulo Freire (Freire, 2019a).

Paulo Freire também tinha certa afetividade por cartas, podemos ver isso no título de cinco de seus livros: *Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo* (Freire, 1978); *Quatro Cartas aos animadores e às animadoras culturais* (Freire, 1980); *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (Freire, 1993); *Cartas a Cristina* (Freire, 1994); *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (Freire, 2000). Dentre essas obras, em *Cartas a Cristina* Paulo Freire trabalha a questão da memória e do significado das vivências que o transformaram, trazendo aspectos e marcas da escrita (auto)biográfica.

Para além do seu gosto pessoal por cartas, Paulo Freire foi um defensor da educação crítica e emancipatória, uma educação que não diz respeito apenas ao conhecimento científico, mas que se preocupa com a autonomia de ser dos educandos. Paulo Freire enfatizou a importância da participação ativa dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem, a construção coletiva do conhecimento e o desenvolvimento da capacidade crítica. Esses princípios também norteiam o Programa PET, pois os participantes têm a oportunidade de se envolver em atividades acadêmicas interdisciplinares, trabalhar em equipe e participar ativamente de projetos de pesquisa e extensão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Quem foi Paulo Freire?

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em Recife, no dia 19 de setembro de 1921. Aos dez anos de idade mudou-se com a família para Jaboatão dos Guararapes, lugar onde enfrentou o cerco da pobreza, tendo uma infância dura e sofrida. Foi nessa cidade no ano de 1934 que Paulo perdeu seu pai aos 13 anos. Esse lugar ficou marcado em sua memória pela tristeza das perdas pessoais e das privações materiais. “A difícil vida em Jaboatão, contudo, ofereceu a Paulo também oportunidades fundamentais para que ele fortalecesse o seu caráter e sua preocupação com a justiça” (Freire, 2017, p. 55).

Foi em Jaboatão dos Guararapes que Paulo completou a escola primária e em Recife completou os estudos secundários, cursos fundamental e pré-jurídico, no Colégio Oswaldo Cruz. Entre 1943 e 1947 estudou na Faculdade de Direito do Recife. Apesar de ter concluído o bacharelado em Direito, nunca completou uma única causa como advogado, mesmo tendo aberto escritório com dois amigos. Desistiu na primeira causa por achar que a postura que deveria adotar no caso específico não condizia com a sua compreensão humanista de justiça (Freire, 2017).

O primeiro local em que Paulo atuou como professor de língua portuguesa foi no Colégio Oswaldo Cruz, e posteriormente foi convidado a lecionar em outros locais como o Colégio Americano Batista e o Colégio Sagrada Família. Também dava aulas particulares até ir trabalhar no SESI-PE. No SESI (Serviço Social da Indústria), Paulo trabalhou no setor de Educação e Cultura onde teve contato com a educação de adultos e trabalhadores. Esse serviço lhe fez refletir sobre a importância da adequação da educação popular e da alfabetização de adultos. “A passagem de Paulo pelo SESI-PE, é preciso enfatizar, como ele mesmo o disse muitas vezes, abriu-lhe a possibilidade de, pensando sobre o que escutava, via, observava sentia e refletia, sistematizar a sua compreensão de educação” (Freire, 2017, p. 75).

Paulo fez diversas atividades pedagógicas importantes no Recife: no Instituto Capibaribe, no Serviço Social da Paróquia do Arraial, no Conselho Consultivo de Educação municipal, na Divisão de Cultura e Recreação, no Conselho Estadual de Educação de Pernambuco, na escola de Belas Artes e muitos outros (Freire, 2017).

Os anos iniciais da década de 1960 foram marcados por uma efervescência política no Brasil que buscava a modernização da sociedade no sentido de uma sociedade mais aberta. Nessa mesma época, Paulo Freire se dedicou aos movimentos de educação popular, entre eles

o Movimento de Cultura Popular (MCP) do Recife ao qual foi fundador. Também foi responsável por organizar e dirigir a campanha de alfabetização de Angicos, em 1963, período em que ficou ainda mais conhecido dentro da perspectiva progressista, de um educador voltado para questões do povo e da conscientização. Nesse mesmo ano, ele foi convidado a ir para Brasília para participar da formulação do Programa Nacional de Alfabetização (PNA), que tinha como objetivo a alfabetização politizada de cinco milhões de jovens e adultos.

Em meio a esse contexto e com um crescente desconforto da direita brasileira, em 1º de abril de 1964 aconteceu o golpe de Estado, onde o então presidente João Goulart foi afastado, iniciando o período de um regime autoritário. Assim, em 16 de junho do mesmo ano, Paulo Freire foi preso pela primeira vez ficando retido por cerca de 20 dias e na segunda vez ficou preso por 50 dias e logo menos foi mandado para o exílio.

No período do exílio andou por diversos países, entre eles Bolívia, Chile, Estados Unidos e Suíça, mais especificamente na cidade de Genebra onde morou por dez anos. Enquanto estava exilado, Paulo continuou andando pelo mundo, escrevendo seus livros e participando de diversos movimentos. Nesse tempo, o anseio de retornar a seu país de origem esteve sempre presente, o que só aconteceu depois de muita espera e negação, em agosto de 1979, aos 58 anos de idade. Em 1979, Paulo chegou ao Brasil com muita alegria e vontade de reaprender o seu país, mas seu retorno definitivo ocorreu em junho de 1980.

No período de seu retorno, tornou-se professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, entre os anos de 1980 e 1997, e da Universidade Estadual de Campinas onde permaneceu como docente no período de 1980 a 1991. Participou de outras atividades acadêmicas inclusive na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade de Brasília (UnB). Em janeiro de 1989, Paulo foi nomeado Secretário de Educação do município de São Paulo, onde exerceu o cargo até 1991, quando optou por voltar para casa para escrever seus livros e trabalhar em outra face da luta político-pedagógica.

Paulo Freire faleceu em dois de maio de 1997, em São Paulo. Deixou sua vasta obra, com o conhecimento que foi construindo e sistematizando ao longo dos anos. Ele é uma pessoa muito conhecida, tanto dentro de seu país como também no exterior. Recebeu 41 títulos de Doutor Honoris Causa, sendo o brasileiro mais agraciado com essa honra. Foi nomeado Patrono da Educação Brasileira em abril de 2012. Atualmente há diversas bibliotecas, cátedras, estabelecimentos de ensino no exterior, diretórios e centros acadêmicos, anfiteatros e auditórios que carregam o nome de Paulo Freire (Freire, 2017).

2.2 Algumas concepções defendidas por Paulo Freire

Freire repudiava a educação bancária, o ensino tradicional, guiado por um diálogo vertical, onde o professor possui todo o conhecimento e o estudante é um recipiente vazio a ser preenchido. Esse sistema de ensino proporciona a memorização mecânica e não o entendimento e a compreensão do objeto ou do conteúdo que está sendo estudado. Pelo contrário, a filosofia Freireana defende uma educação progressista, onde se presencia uma interação horizontal entre estudantes e professores, para que ocorra uma troca de conhecimento levando em consideração os diferentes saberes. É importante que o estudante tenha consciência do seu papel central nesse processo, pois ele desempenha função essencial, tanto quanto o professor, na construção e edificação de seu próprio conhecimento. Ambos são sujeitos do processo.

O educando precisa entender-se como ser pensante, questionador, capaz de criar, transformar e realizar sonhos, capaz de mudar o futuro, pois este não é um dado determinado, inexorável. Junte-se a isto a consciência de que mesmo sendo estudante possui conhecimento e informação, entenderá que sua participação dentro de sala contribui e é necessária para a educação. Assim é papel do professor progressista despertar a curiosidade, o senso crítico, a necessidade de participação de seus estudantes, criar um ambiente aberto a debates para que ocorra a troca de saberes entre os sujeitos envolvidos. “A educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem. Não pode temer o debate” (Freire, 1983, p. 104).

Para despertar a curiosidade e a vontade de participar, o professor precisa criar uma aula com raízes na educação popular, mantendo um diálogo que seja compreendido por todos, utilizando um vocabulário acessível, levando exemplos que sejam do cotidiano daqueles estudantes para poder trabalhar o conhecimento prévio destes de forma que auxilie na construção do saber, possibilitando uma aprendizagem significativa. Desta forma, evita-se que a fala do professor se torne uma canção de ninar, e para isso é preciso que o docente esteja ciente de que a curiosidade é fundamental, é ela que instiga as perguntas e o querer saber mais.

É dever do professor progressista apresentar aos estudantes diferentes ideias e posições, mesmo que sejam antagônicas às defendidas por ele, pois apresentar apenas um lado atrapalha, e até mesmo impede, o despertar do senso crítico, facilitando o caminho da doutrinação. Não desvelar diferentes possibilidades, escondendo-as, não é científico nem ético. Além de mostrar o caminho para que os educandos se tornem seres pensantes, é importante mostrar-lhes a importância e a ética de respeitar as opiniões contrárias, e mesmo assim debater sobre estas, para aprender mais sobre o que se sabe e estar disposto a entender também o ponto de vista do

outro. Para que isto aconteça, o professor precisa praticar o respeito com os seus estudantes e ser coerente entre o que fala e o que faz, servindo de exemplo.

Defender com seriedade, rigorosamente, mas também apaixonadamente, uma tese, uma posição, uma preferência, estimulando e respeitando, ao mesmo tempo, o direito ao discurso contrário, é a melhor forma de ensinar, de um lado, o direito de termos o dever de “brigar” por nossas ideias, por nossos sonhos e não apenas de aprender a sintaxe do verbo haver, de outro, o respeito mútuo (Freire, 2020, p. 108).

O professor é uma figura que está sendo analisado e observado por seus alunos diariamente, sendo assim precisa tomar certos cuidados. Seus atos devem ser bem pensados, pois um elogio, uma crítica ou até mesmo uma resposta ríspida pode influenciar na conduta, na determinação e na confiança de seus educandos, tanto de forma positiva quanto negativa. Além disso, o professor precisa ter coerência entre o que pede e o que está sendo oferecido. Se os estudantes não se sentem inseridos no processo de construção do conhecimento, e sentem que aquela realidade está distante da sua, podem acabar reagindo com desinteresse, o que exige que o professor tenha momentos de reflexão crítica sobre a própria prática para entender quais mudanças de atitude são necessárias.

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. [...] quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica (Freire, 2019a, p. 40).

Dessa forma, o professor precisa ter consciência de que é a autoridade dentro da sala de aula, praticando esta autoridade sem confundi-la com o autoritarismo, pois quando este está presente inibe a curiosidade dos discentes e atrapalha sua formação. O docente precisa respeitar a autonomia, a identidade e a dignidade do educando.

É o meu bom senso que me adverte de que exercer a minha autoridade de professor na classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte. É a minha autoridade cumprindo o seu dever (Freire, 2019a, p. 60).

A incompetência profissional desqualifica a autoridade, por isso ensinar exige segurança e competência, atributos que estão intimamente ligados. “O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força

moral para coordenar as atividades de sua classe” (Freire, 2019a, p. 89-90). O que não quer dizer que a competência científica determine a prática democrática. Há professores cientificamente preparados, mas que têm uma postura voltada ao autoritarismo.

O professor precisa respeitar a autonomia, a identidade e a dignidade do educando, da mesma forma que os educandos precisam respeitar-se uns aos outros. É preciso falar sobre assuntos imorais, que abordam questões de preconceito como a desigualdade de gênero, raça e classe. Pois além da formação intelectual, a escola também é responsável pela formação moral. “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (Freire, 2019a, p. 58). O educador não pode afogar a liberdade do educando, é necessário respeitar sua curiosidade, o gosto estético, a linguagem. É aí que entra a importância que tem a dialogicidade. É num diálogo verdadeiro que os sujeitos irão crescer nas diferenças, aprendendo a respeitá-las.

A educação é um ato de intervenção no mundo. Pode ser um fator de pequenas ou grandes mudanças, seja de cunho político, social ou econômico, nas relações humanas pessoais ou de trabalho. O professor precisa causar esse sentimento de necessidade de lutar por um amanhã melhor. É papel do profissional progressista, por meio da análise política, desvelar as possibilidades para a esperança, pois sem esta, a luta é uma luta suicida.

A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa de ser autenticamente vivido (Freire, 2019a, p. 110).

A importância da esperança está na percepção de que o amanhã pode, sim, ser modificado. Sem sonho, sem expectativa de mudança, de um futuro melhor a educação seria puro adestramento. Um dos receios citado pelo autor é que o ensino se torne puramente tecnicista. A educação lida com gente, com o ser humano e não com números, instrumentos a serem puramente treinados. É preciso ter um ensino que forme, e não que apenas crie cidadãos com o intuito de torná-los mão de obra sem senso crítico e conhecimento teórico. A educação por si só não tem o poder de transformar a sociedade, mas sem ela, não há mudança. Essa afirmação reflete a perspectiva de Paulo Freire sobre a interconexão da educação com a mudança do meio social. A educação tem o poder de mudar pessoas, que juntas podem mudar o seu arredor.

3 O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET)

O Programa de Educação Tutorial tal qual conhecemos hoje não começou a sua história sendo reconhecido desta maneira, no princípio foi fundado como Programa Especial de Treinamento. Sua criação ocorreu oficialmente em dezembro de 1979 e um dos nomes por trás desta ideia foi Cláudio de Moura Castro, diretor da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na época. Inicialmente o tinha como objetivo estimular a produção acadêmica nas universidades e formar indivíduos com qualificações mais amplas, sejam elas técnicas, culturais e políticas, indivíduos com iniciativa, persistência, engajamento, curiosidade para o aprendizado e habilidades de conviver em grupo, tudo isso tendo em vista uma formação de líderes intelectuais (Rosin, Gonçalves e Hidalgo, 2017; Da Silva, 2020).

A ideia inspiradora do PET veio de uma experiência vivida pelo próprio Cláudio de Moura Castro, enquanto discente da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE)¹, participou de um projeto denominado Sistema de Bolsas da FACE (Da Silva et al, 2020). Esse projeto, inovador para a época, se baseava em experiências das universidades inglesas e americanas, e tinha o intuito de elevar a qualidade do ensino, renovar o corpo docente e criar um setor de pesquisa. Desta forma, com a ajuda de uma comissão de professores, alunos que se destacavam intelectualmente foram selecionados para que pudessem se dedicar exclusivamente aos estudos recebendo um auxílio mensal da faculdade. Esses alunos tiveram destaques positivos ao longo do curso e após, quando foi notado que a maioria dos aprovados no programa de pós-graduação em Economia eram bolsistas do Sistema de Bolsas. Inclusive os primeiros bolsistas formados acabaram sendo contratados como professores da faculdade. Influenciado pelos resultados positivos de sua própria vivência, Castro dedicou-se a implantar um sistema de bolsas em nível nacional, o Programa Especial de Treinamento.

Desde a sua criação, o programa passou por diversas situações, enfrentou crises, superou alguns obstáculos impostos, atravessou tentativas de extinção e foi avaliado diversas vezes. Por isso, a sua história pode ser contada por meio de fases que marcaram todo o processo de iniciar um novo projeto para chegar até o PET que existe hoje. As fases: experimental, de institucionalização, expansão desordenada e de consolidação foram assim nomeadas por Dessen (1995).

¹ A FACE foi fundada como entidade privada com o nome de Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Minas Gerais, posteriormente foi incorporada à Universidade de Minas Gerais e em 1949 tornou-se um estabelecimento federal de ensino (da Silva, 2020).

Na fase experimental, 1979 a 1985, o convite para a formação dos grupos foi feito diretamente pela CAPES e o critério que utilizaram para selecionar as Instituições de Ensino Superior foi a presença de unidades de pesquisa e pós-graduação em desenvolvimento, com grandes chances de crescimento (Martin, 2005; Melo Filho, 2019). Assim, foram formados 20 grupos em 14 IES contemplando 201 bolsistas. Ainda nesta fase, a CAPES começou a questionar os objetivos e as concepções pedagógicas do programa, contestar uma possível perda do caráter meritocrático e duvidaram até da capacidade dos mentores responsáveis por cada grupo, propondo o término do PET (Melo Filho, 2019). Buscando argumentos e justificativas para encerrar o programa, a CAPES fez em 1984 uma avaliação interna, onde foram observados alguns aspectos, tais como as condições do espaço físico dos grupos, quais eram as atividades elaboradas, a relação entre tutor e aluno, o desempenho acadêmico dos participantes, o dinamismo dentro do grupo e a rotatividade de PETianos. O resultado mostrou que o programa apresentava certos inconvenientes: o sistema de acompanhamento dos grupos era precário e carecia de formalidade, a fundamentação filosófica era frágil, os parâmetros normativos ainda não estavam claros e os grupos formados eram demasiadamente heterogêneos. Por outro lado, percebeu-se que os discentes envolvidos apresentaram uma notável melhora no desempenho acadêmico e o grupo contribuiu para a melhoria dos cursos de graduação aos quais estava associado (Melo Filho, 2019). Diante do cenário apresentado pela avaliação, a CAPES optou por ampliar o programa e elaborou uma “Proposta de Reformulação do Programa Especial de Treinamento – PET”, marcando assim o fim da fase de experimentação.

Entre os anos de 1986 e 1989 aconteceu a chamada fase de institucionalização. Nesse momento o PET passou a ser gerenciado pela Coordenadoria de Bolsas no País (CBP), da CAPES. A coordenadoria empreendeu esforços para conscientizar sobre a importância da aproximação dos grupos com as pró-reitorias de pós-graduação pretendendo firmar um formato de institucionalização que tornasse possível a expansão sem que prejudicasse o gerenciamento do Programa. Esta fase foi marcada pelo lançamento de um Manual de Orientações Básicas (Martin, 2005). Este documento orientava que cada grupo deveria elaborar semestralmente relatórios de atividades e planejamentos para que fossem enviados às pró-reitorias de pós-graduação de cada IES e à CAPES com o intuito de serem avaliados. O manual também previa a quantidade máxima de doze alunos por grupo. Outra medida adotada nesta fase foi a implementação das coordenações de áreas do conhecimento, coincidentes com as definidas pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Os integrantes dessas áreas eram professores convidados pela CAPES que atuavam como consultores do programa e eram considerados membros essenciais para a condução do PET.

Logo após vem a fase da expansão desordenada de 1990 a 1992, esse nome deve-se ao fato que em 1990 o programa contava com 77 grupos que passaram para 237 em 1992 (Melo Filho, 2019). O problema é que o aumento do número de grupos não foi acompanhado pela infraestrutura proporcionada pela agência, o que ocasionou em uma baixa no gerenciamento feito pela CAPES, fazendo com que os grupos ficassem sem avaliação nos anos de 1990 e 1991, tendo retornado apenas em 1992. Nesse período foi publicado o Manual de Orientações Básicas PET – 1991/1992. O documento contou com algumas modificações de tal forma que a idade máxima para o ingresso no programa era de 22 anos e foi estabelecido um limite mínimo de dois anos de permanência do bolsista no programa e um limite máximo de quatro anos. Outra modificação que o documento trouxe foi a premiação com uma bolsa de Mestrado para aquele aluno que tivesse maior destaque nas atividades realizadas pelos seus respectivos grupos. Foi criado pela CAPES o “professor visitante recorrente”, que teria de fazer atividades em conjunto com grupos de outras instituições, fortalecendo a institucionalização do Programa das IES.

Entre 1993 e 1994 o Programa Especial de Treinamento vive uma fase de reorganização que foi nomeada como fase de consolidação. Foi um período de recuperação do PET em que a CAPES resolve restaurar os indicativos de produtividade e qualidade dos grupos, solicitando que cada planejamento e ação estivessem alinhados com os objetivos e às concepções filosóficas do Programa. Nessa fase, 32 grupos com desempenho insuficiente foram fechados e novos grupos foram abertos. Também foi elaborado um novo manual do Programa para 1995. Em 1994 com a mudança do presidente da República, houve a mudança do ministro da Educação e do diretor da CAPES, conseqüentemente mudando também a coordenação do PET (Martim, 2005; Melo Filho, 2019).

Na fase de desestruturação interna, nomeada por Muller (2003), de 1995 a 1997, o novo coordenador do PET considerou o Manual de Orientações Básicas insatisfatório, dizendo que o documento não condizia com a visão que a nova diretoria tinha do Programa. Alegando a necessidade de ajustes econômicos várias iniciativas foram tomadas para reduzir custos: a quantidade de bolsistas por grupo foi reduzida de 12 para 6, as bolsas para os professores visitantes e tutores foram extintas, a premiação com a bolsa de pós-graduação para os melhores petianos, também foi retirada e suspendeu-se o custeio dos grupos (Melo Filho, 2019).

Nesse período, houve uma indicação da possível extinção do PET sob o argumento de que não cabia à CAPES manter um Programa voltado para o ensino superior, considerado dispendioso, de alcance limitado e ineficaz. Buscando justificativas para colocar os planos em prática, foi encomendada ao Núcleo de Pesquisa do Ensino Superior (NUPES/USP) uma avaliação do PET (Balbachevsky, 1998). A coordenação da pesquisa fez um amplo trabalho,

concentrando seus esforços em mapear as contribuições do Programa para os cursos de graduação sob a perspectiva dos professores e alunos, focando também nos indicadores de aprimoramento das atividades acadêmicas resultantes da participação no PET em comparação com as atividades acadêmicas dos alunos que não eram bolsistas do Programa. Os resultados deram destaque para o aproveitamento das atividades acadêmicas, envolvimento na graduação, da participação em atividades de extensão e da publicação de trabalhos pelos alunos. Segundo Balbachevsky (1998, p. 8), “a formação oferecida pelo PET é mais rica e variada, mesmo quando comparada com as oportunidades abertas por uma bolsa de iniciação científica”.

Apesar da pesquisa mostrar resultados exitosos, a CAPES os considerou insatisfatórios organizando uma nova comissão para que outra avaliação fosse realizada. A nova avaliação foi feita por três representantes das áreas de conhecimento da CAPES e três avaliadores externos, os eixos escolhidos para a pesquisa foram questões referentes ao ensino de graduação, ações de pesquisa, de extensão e o impacto do PET na grade curricular dos cursos. Ao final, o trabalho confirmou os resultados da pesquisa anterior e revelou novas conclusões sobre os efeitos satisfatórios das iniciativas do Programa.

Mesmo com todos os indicativos positivos, em 01 de março de 1999 a CAPES emitiu o ofício circular 030/99 determinando que todas as atividades dos 317 grupos do Programa Especial de Treinamento localizados em 59 IES que contemplavam 3.556 bolsistas de graduação fossem encerradas até dezembro de 1999.

Com essa decisão iniciou-se um momento de grande mobilização para que o Programa continuasse ativo. Melo Filho (2019) separou esse período em duas fases: fase de resistência (1999 a 2000) e fase de transição (2001 a 2003), enquanto Martins (2007) denominou todo esse período de fase de institucionalização. O movimento em prol da permanência do PET teve um resultado positivo, em 11 de novembro de 1999 o governo assinou o ofício circular 13.300/MEC/SESu interrompendo a decisão de suspender o Programa. A partir de então, o PET passou a ser vinculado à Secretaria de Ensino Superior (SESu), sendo responsabilidade do Departamento de Projetos Especiais de Modernização e Qualificação do Ensino Superior (DEPEM). Apesar desse recuo, o Ministério da Educação (MEC) anunciou, em maio de 2000, o desejo de extinguir o Programa, o que gerou novamente uma onda de manifestações contra a vontade do MEC e assim o Programa saiu ileso novamente.

Em 2001, foi apresentada uma proposta de reestruturação para a abertura de novos grupos, o documento denominado de Programas de Apoio às Instituições Federais de Ensino Superior propôs as seguintes mudanças: os grupos passariam a ser compostos por apenas 7 bolsistas, as atividades não unificariam mais o ensino, pesquisa e extensão, o PET cobriria

apenas os cursos de licenciatura e o tempo máximo de permanência dos bolsistas seria de 1 ano. A proposta não teve êxito e grande parte das Universidades rejeitaram o formato proposto. Ainda neste ano foi iniciada uma discussão para aprovar um novo Manual de Orientações Básicas, que foi atualizado com base no Manual de 1995. Assim, a SESu publicou algumas portarias com as diretrizes do Programa e surgiu emendas parlamentares no orçamento da União direcionadas para prover a manutenção do PET e o pagamento das bolsas.

Com a melhora da relação entre o MEC e o Programa, iniciou-se uma nova fase denominada por Melo Filho (2019) de fase de institucionalização, que foi de 2004 a 2005, que apesar de curta, teve um impacto importante para o PET. É durante esse período que o MEC publicou os regulamentos de funcionamento administrativo, de avaliação e de acompanhamento. Outra mudança significativa foi a alteração do nome de Programa Especial de Treinamento para Programa de Educação Tutorial, assim como é conhecido atualmente.

Com o fortalecimento proporcionado, o PET entrou em uma nova fase de expansão que iniciou em 2006 e terminou em 2010. De 2006 a 2009 foi lançado um edital por ano, permitindo a criação de 427 novos grupos. Essa seleção tinha o intuito de atender algumas demandas específicas de saúde, meio ambiente, desenvolvimento de software e desenvolvimento urbano. Além disso, os estados que ainda não contavam com a participação do Programa puderam ser contemplados e o PET se instalou em grande parte do território nacional, tendo uma abrangência maior no país. Nessa fase, as avaliações sistemáticas voltaram a ser feitas. (Melo Filho, 2019)

Posteriormente a SESu lançou algumas ações para consolidar as mudanças realizadas e entrou em vigor as portarias 976/2010 e 343/2010 que estabeleceram os marcos legais de funcionamento do Programa. Em 2012 foi lançado o último edital para a seleção de novos grupos. De acordo com o portal do MEC existem atualmente, até 2024, 842 grupos do PET distribuídos em 121 Instituições de Ensino Superior.

Com o passar do tempo, pelos bons resultados do programa, algumas IES optaram por criar os próprios grupos PET, chamados de PET Institucionais, que não estão vinculados ao MEC. O PET institucional é coordenado e financiado pela própria instituição onde o programa é implantado, e cada universidade tem sua própria estrutura de coordenação e seleção de projetos dentro do Programa. Apesar de haver essa diferença de coordenação e financiamento, ambos os PETs, tanto o MEC quando o institucional, partilham da mesma ideologia e princípios filosóficos. Como descrito no Manual de Orientações Básicas do PET, o objetivo geral do programa é

Promover a formação ampla e de qualidade acadêmica dos alunos de graduação envolvidos direta ou indiretamente com o programa, estimulando a fixação de valores que reforcem a cidadania e a consciência social de todos os participantes e a melhoria dos cursos de graduação (Brasil, 2006).

Os objetivos específicos do Programa visam promover a formação acadêmica integral dos estudantes, incentivando a integração entre ensino, pesquisa e extensão. Entre seus propósitos estão o aprimoramento da formação dos participantes por meio de atividades extracurriculares, o incentivo a interdisciplinaridade e a cooperação entre estudantes de diferentes cursos, o estímulo ao desenvolvimento de habilidades de liderança, trabalho em equipe e comunicação, a difusão do conhecimento científico e tecnológico por meio de projetos de pesquisa e extensão e a contribuição para a melhoria da qualidade do ensino superior no país. Além disso, o PET busca fomentar a reflexão crítica sobre questões sociais, culturais e científicas relevantes, estimulando o engajamento cívico e a responsabilidade social dos estudantes (Brasil, 2006).

Por fim, vale citar a relevância do tutor para o grupo, porque tem um papel central no andamento do Programa. “O tutor tem a missão de estimular a aprendizagem ativa dos seus membros, através da vivência, reflexões e discussões, num clima de informalidade e cooperação” (Brasil, 2006, p. 6), com o objetivo de possibilitar o desenvolvimento de habilidades de resolução de problemas e pensamento crítico entre os bolsistas, tornando-os mais independentes para administrar suas necessidades de aprendizagem.

3.1 O PET Física Licenciatura

A história do PET Física Licenciatura teve início em 3 de maio de 2019, quando a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), por meio da Diretoria de Ensino (DIREN), decidiu abrir um edital para a inscrição de novos projetos, com o objetivo de criar dez grupos PET Institucional voltados para os cursos de graduação da UFU que ainda não contavam com um Grupo. Entre os cinquenta cursos elegíveis para participar da seleção foram realizadas 26 inscrições e o PET Física Licenciatura foi o décimo colocado.

A Professora Mariana Mieko Odashima, do Instituto de Física do campus Santa Mônica, foi quem tomou a iniciativa e liderou todo o processo descrito no edital². Após a aprovação, abriu-se um edital para seleção dos primeiros participantes, consistindo em oito bolsistas e um

² Edital Institucional de chamada para novos grupos PET da UFU. Disponível em: https://prograd.ufu.br/sites/prograd.ufu.br/files/media/arquivo/sei_uflu_1219053_-_edital_pet.pdf

mínimo de dois e máximo de seis não bolsistas. O resultado dessa seleção foi divulgado no dia 2 de outubro de 2019, contendo onze classificados. Dentre os onze classificados, um optou por não participar do Programa e um outro aluno foi desligado, sendo assim, o grupo iniciou sua história com nove integrantes, além da tutora.

Apesar da história iniciar de fato com a abertura do edital, o PET já havia sido sonhado e idealizado pelos alunos do curso. No primeiro semestre de 2019, durante a disciplina de Metodologia de Pesquisa ofertada pelo curso, um grupo de quatro estudantes optou por fazer uma pesquisa sobre o PET, entrevistando alguns estudantes e Petianos de dois Grupos da UFU com o intuito de investigar as ações e a eficiência do Programa. Os quatro participantes que desenvolveram essa pesquisa foram classificados no edital de seleção do PET, porém um deles decidiu por não participar.

Com o grupo formado, deu-se início as ações de entender quais seriam as funções de cada um, as obrigações dos Petianos e da Tutora, o planejamento de atividades, a busca para efetivar as pesquisas que cada um realizaria e assim por diante. No meio desse processo, veio a pandemia da COVID-19³ no primeiro semestre de 2020, fazendo com que tudo acontecesse de maneira remota. Apesar de todas as dificuldades, o Grupo conseguiu executar várias atividades nesse período, o que rendeu elogios e um *feedback* profícuo por parte do Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação⁴ (CLAA).

Até o presente momento, junho de 2024, o grupo é formado por 11 petianos, sendo 8 bolsistas e 3 não bolsistas. Dos 11 participantes temos 4 que ingressaram ainda no primeiro edital. A tutora é a professora Mariana que permanecerá na função até março de 2025.

³ A COVID-19 é uma doença infecciosa que afeta o sistema respiratório, sendo causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. É potencialmente grave e caracterizada pela alta capacidade de transmissão e pela sua ocorrência disseminada em todo o mundo (Ministério da Saúde, 2021)

⁴ O CLAA é o comitê responsável pela supervisão e avaliação das atividades realizadas pelos grupos PET em suas respectivas instituições.

4 METODOLOGIA

Este trabalho tem como metodologia a pesquisa narrativa. Os materiais de estudo serão os relatos (auto)biográficos dos participantes do grupo PET Física Licenciatura que entraram no primeiro edital. Os relatos serão em formato de carta.

Dentre os nove integrantes do primeiro edital do grupo, sete foram convidados e aceitaram participar da pesquisa. O motivo de um dos petianos não ter sido chamado para compor o trabalho foi o pouco tempo de participação no programa pelo fato de ter optado por sair do curso.

Para dar início a pesquisa, foi preciso entrar em contato com os sete integrantes do primeiro edital do grupo para contar sobre o objetivo do trabalho e fazer o convite para que eles participassem. Com a resposta positiva de todos, a pesquisadora, também participante do primeiro edital enviou uma carta para os demais petianos contando sobre a sua própria vivência. Tanto o convite quanto a carta foram enviados pelo *Whatsapp* e os petianos responderam da mesma forma pelo aplicativo de mensagens. Sendo assim, esse trabalho teve a contribuição de oito relatos, sendo eles os dos sete convidados e o relato da própria autora.

4.1 A pesquisa narrativa

A narrativa é a estrutura básica da comunicação humana, uma das principais atividades realizadas através da linguagem. Utilizamos a narrativa para contar e recontar histórias, reviver momentos, transmitir informações, ideias e emoções de maneira que podemos nos conectar com o outro. Ela aparece em diversos formatos, seja no cinema, na música, na pintura, em uma conversa informal, um memorial, uma carta e assim por diante. Ou seja, a narrativa aparece na forma verbal, audiovisual e escrita.

Geralmente o ato de narrar vem de uma forma sequencial, com começo, meio e fim, e traz uma estrutura formada por enredo, personagens, tempo, espaço e ambiente. O enredo é o conjunto de fatos de uma história, os personagens são os agentes da ação (quem desempenha o enredo), o tempo é o pano de fundo da história (época em que se passa e o tempo de duração), o espaço é o lugar em que se passa as ações e por fim o ambiente traz as características morais, psicológicas, socioeconômicas em que vivem os personagens (Gancho, 2004).

Cada narrativa está diretamente ligada as experiências do indivíduo que irá contá-la. Sendo assim, o que eu vivencio e os sentimentos e aprendizados que isso me traz, influencia diretamente na minha narrativa. Para Clandinin e Connelly (2011), a experiência pode ser

dividida em termos de pessoal e social, pois ambos estão sempre presentes. O pessoal diz sobre os desejos, emoções e sentimentos enquanto o social é sobre o ambiente e o contexto. Além de trabalhar os termos de interação (pessoal e social), os autores também falam sobre continuidade (passado, presente e futuro) e sobre situação (lugar). Segundo eles esse conjunto de termos possibilita o espaço tridimensional para o desenvolvimento da investigação narrativa.

Segundo Larrosa (2002, p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Se a experiência é o que nos acontece e não apenas o que acontece, ela é única para cada indivíduo. Duas pessoas podem passar pelo mesmo ocorrido e mesmo assim não terão a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é singular, com os sentimentos, medos, motivações e aprendizados que causa em cada um. Assim, além de única para cada sujeito a experiência é irrepitível (Larrosa, 2002).

A ideia de que a experiência é irrepitível também é trabalhada por Benjamin (1987, p. 37), que por sua vez desenvolve a noção de que a narrativa é um ato infinito, “pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites porque é apenas uma chave para tudo o que veio depois”. Aqui nota-se a abrangência da narrativa, pois ao passar por alguma vivência nem mesmo o ato de vivenciá-la de novo ou o ato de contá-la para outras pessoas fará com que você passe exatamente pela situação da mesma maneira, assim contar a história não é uma lembrança acabada da experiência, mas uma possibilidade de reconstruí-la de maneira aproximada.

Além da experiência também podemos citar a memória como sendo algo que está intimamente ligado ao ato de narrar. É através da memória que podemos encontrar os vestígios da experiência, das vivências coletivas e das inspirações. A memória ao ser tocada por meio da narrativa possibilita o encontro de passado e presente, uma vez que a lembrança é construída com o repertório que temos aqui e agora. “Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias nossos juízos de realidade e de valor” (Bosi, 1979, p. 17).

Pensando no que foi dito, a narrativa tem o poder de abraçar emocionalmente os envolvidos nas histórias contadas, criando uma relação entre estes, o que permite a troca de aprendizados e vivências e a extração de significados sobre o que foi dito. Partindo dessa ideia, as narrativas podem ser utilizadas para compreender as vivências e analisar vestígios de experiências tanto pessoais quanto coletivas, tornando-se uma forma importante de pesquisa que permite capturar nuances próprias desta forma de análise. Conhecer as histórias e

rememorações de alguém, é conhecer a visão de mundo dessa pessoa, visão que se dá a partir de vestígios de experiências e da memória. Conhecendo diferentes pontos de vista podemos dar significado para algo e assim construir uma versão que se aproxima do objeto de estudo.

“Várias áreas do conhecimento vêm investigando a realidade reconstruída através de narrativas, além da história e da literatura, berço natural da narrativa” (Paiva, 2008, p. 263). Podemos encontrar a pesquisa narrativa na educação (Bruner, 2002), na linguística (Aragão, 2008), na formação de professores (Sousa e Cabral, 2015), na saúde (Silva e Trentini, 2002) e em diversas outras áreas.

Mas o que é a pesquisa narrativa? A princípio podemos dizer que faz parte de uma metodologia de pesquisa qualitativa alternativa aos métodos mais tradicionais por ter foco na experiência humana, e que ajuda a compreender mais profundamente a causa que está sendo estudada, tendo uma colaboração entre pesquisador e participantes. “A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno” (Paiva, 2008, p. 263). De maneira geral, trazer essa subjetividade para o campo da Ciência é o que caracteriza essa forma de pesquisa. Segundo Telles:

[...] atualmente, a opção por modalidades qualitativas de investigação tem sido cada vez mais frequente na pesquisa em educação, visto que os educadores e os professores têm se interessado pelas qualidades dos fenômenos educacionais em detrimento de números que muitas vezes escondem a dimensão humana, pluralidade e interdependência dos fenômenos educacionais na escola. (Telles, 2002, p.102)

A pesquisa narrativa tem como objeto de estudo as histórias narradas e os dados podem ser obtidos de maneira oral e/ou escrita, ficando a cargo do pesquisador decidir o que se enquadra mais ao interesse do estudo.

No livro *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*, Clandinin e Connelly discutem diversos aspectos do mundo da pesquisa narrativa e iremos tratar de alguns pontos que consideramos relevantes. No livro são discutidas questões acerca da complexidade que é o pesquisador entrar no campo da pesquisa, uma vez que são necessárias negociações constantes entre pesquisador e participantes. Partindo do princípio de que uma característica fundamental da pesquisa narrativa é a relação, uma das dificuldades encontradas pelo pesquisador será a de compor os textos de campo (dados da pesquisa) quando estiver inserido no campo. Surge assim a discussão sobre saber lidar com o distanciamento e a proximidade na pesquisa descobrindo o papel e a posição do pesquisador.

Segundo os autores, diversos tipos de textos podem ser utilizados pelos pesquisadores narrativos como textos de campo, sejam eles: história de professores, escrita de diários, notas de campo, escrita (auto)biográfica, sendo este de interesse para essa pesquisa, mais especificamente os relatos (auto)biográficos por meio de cartas, e entre outros, sendo que os pesquisadores têm toda a liberdade para criar outras formas de composição de texto se necessário. Após a composição desses textos chega o momento de transitar dos textos de campo para os textos de pesquisa, tarefa considerada difícil e complexa. Esse é o momento de discutir e dar significado as experiências vividas no campo e pode ser que as questões pensadas anteriormente (as justificativas, método, interpretação e análise) voltem a ter papel central no processo investigativo.

Nesse momento não é incomum que surja incertezas na vida do pesquisador. A finalidade da pesquisa que antes parecia muito clara pode começar a ser questionada, isso acontece por conta do envolvimento com o campo e pela produção dos textos de campo. Pelo fato de que o pesquisador está lidando com pessoas, lugares e coisas que estão em constante transformação, é compreensível que essas incertezas sejam potencializadas uma vez que o seu texto de pesquisa não lida com o estudo como se fosse algo estático, passível de alguma caracterização mecânica. Assim, além de definir o pesquisado é necessário compreendê-lo.

Por fim, são discutidas questões sobre a ética que envolve a pesquisa narrativa, tópico fundamental, de grande relevância e preocupação para essa metodologia. Antes de iniciar a pesquisa é necessário que se tenha a aprovação do comitê de ética e os participantes da pesquisa precisam assinar um termo de consentimento para que o estudo seja iniciado. Sendo assim, para que a pesquisa narrativa possa ser desenvolvida, os pesquisadores ficam dependendo da aprovação dos termos e do projeto. Os autores comentam que os pesquisadores estão em um estado de alerta constante pelo fato de que os critérios de produção de uma pesquisa narrativa ainda estão sendo desenvolvidos pelas comunidades de pesquisa, o que coloca o pesquisador em um local de aprendizagem contínua sobre o que significa fazer pesquisa narrativa.

4.2 A narrativa (auto)biográfica

O uso de (auto)biografias como forma de pesquisa teve como um de seus berços o campo da Sociologia, em Chicago, em meados do século XX. Havia duas intenções para a utilização dos relatos: constituir pesquisa e possibilitar o processo de autoconsciência. No Brasil, principalmente na área da educação, essa narrativa só veio ganhar destaque a partir da década de 1990. Cerca de dez anos depois foram surgindo novas perspectivas para essa área, o

que contribuiu para ampliar o campo de investigação, possibilitando explorar as possibilidades e limitações do uso das narrativas (auto)biográficas.

Essa metodologia vem ganhando força nos últimos anos, inclusive no campo das pesquisas e na área de formação inicial e continuada. Uma possibilidade que justifica essa escolha é o fato de que o ser humano é naturalmente um contador de histórias, que de maneira individual ou em sociedade vive vidas relatadas, o que torna o processo mais natural.

Na área da educação, a narrativa (auto)biográfica aparece como fonte histórica, onde cada texto é utilizado como objeto de análise. São levadas em consideração a forma textual, o contexto em que foi produzido e o conteúdo relacionado ao projeto de pesquisa em que está vinculado (Souza, 2006).

Como essa forma de narrativa está bastante vinculada a trajetória e experiências do sujeito, ela permite que o pesquisador tenha acesso as reflexões, análises e visões de mundo construída pelos colaboradores. Tudo isso vem à tona na ação de lembrar, contar e escrever sobre a própria história. Assim podemos dizer que as escritas (auto)biográficas tem o autor como ator principal, e é entendida como um ato de escrever sobre si e sobre a própria história de vida (Lejeune apud Zaquieu, 2014). Esse processo de pensar nas próprias vivências, refletir e narrar faz com os sujeitos olhem para si e consigam se perceber no mundo. O percurso que o autor faz traz inúmeras informações que só podem ser percebidas pelo pesquisador porque a narrativa veio da própria pessoa que viveu a experiência, ou seja, são dados que poderiam passar despercebidos se fossem citados por outras pessoas.

Essa dinâmica de pensar, relembrar e olhar para si só tem significado quando vem acompanhada de momentos de reflexão, ainda mais no momento de passar essas ideias e pensamentos para a forma textual, escrita. Como nos diz Freire (2020, p. 75) “o momento de escrever se constitui como um tempo de criação e de recriação, também, das ideias com que chegamos à nossa mesa de trabalho. O tempo de escrever, diga-se ainda, é sempre precedido pelo de falar das ideias que serão fixadas no papel.”

A narrativa (auto)biográfica também traz suas dificuldades e desafios, dentre eles podemos citar o processo de escrita e produção dos textos que serão utilizados como fonte de pesquisa, estimular essa escrita/narrativa na direção do que se quer analisar pode ser bastante desafiador.

4.3 Cartas na narrativa (auto)biográfica

As cartas estão presente na história, aliás foram a principal fonte de comunicação para as pessoas. Quantos acontecimentos importantes precisaram ser comunicados por meio das cartas, inclusive o descobrimento, por parte dos portugueses, do Brasil. Antes da descoberta das ondas de rádio, dos telefones celulares e da facilidade que a internet nos coloca de estarmos a um toque de distância de qualquer lugar do mundo, as cartas eram utilizadas para cumprir esse papel. Para algumas pessoas, as cartas também carregam um certo tipo de apego emocional, por trazer lembranças de quem viveu esse tempo de troca de correspondências.

De modo geral, as cartas são escritas para um destinatário, seja para contar uma novidade, compartilhar momentos, dividir notícias, se declarar para alguém e assim por diante. As possibilidades são inúmeras e depende exclusivamente da intenção e da vontade de quem está escrevendo. Inclusive, as cartas podem ser utilizadas para relembrar e narrar histórias da nossa própria vida, sendo assim se enquadram em um gênero textual que pode ser utilizado na pesquisa narrativa (auto)biográfica.

Pensando na possibilidade de comunicação, de fazer um exercício da memória, de ser um gênero textual que permite que cada um tenha sua individualidade na hora de escrever, consideramos que as cartas são uma ótima fonte para explorar essas narrativas (auto)biográficas e ter acesso a vestígios de experiências vivenciadas pelos participantes do grupo PET Física Licenciatura da UFU.

5 O OLHAR DOS PIONEIROS

A seguir, estão apresentadas as cartas dos oito PETianos colaboradores desta pesquisa, incluindo a carta da autora. A partir da leitura e análise destas, buscou-se entender qual foi/é o impacto e a contribuição do PET Física Licenciatura na formação dos primeiros integrantes do grupo. Nos relatos foram mantidos os nomes dos PETianos e de alguns professores que assim aceitaram e permitiram. Os nomes dos demais alunos e professores que são citados nas cartas, mas que não possuem envolvimento direto com essa pesquisa foram trocados por nomes fictícios.

Uberlândia, 25 de janeiro de 2024

Prezado Petiano,

Com a chegada do último semestre do curso e do TCC tive a oportunidade de pensar sobre e relembrar algumas experiências que vivi dentro do grupo PET Física Licenciatura e contarei algumas delas para você. Espero que também se sinta à vontade para responder a esta carta me contando sobre a sua experiência dentro do grupo.

Quando penso no PET a primeira lembrança que surge na minha memória é a professora Mariana me contando que o processo seletivo estava aberto, que nenhuma aluna havia se interessado pela vaga e perguntando se eu não gostaria de participar da seleção. Na época eu já havia participado do processo seletivo do PIBID⁵, havia passado, e estava esperando abrir vaga para ser chamada. Quando falei isso para a Mariana ela me comunicou que talvez não fosse ocorrer a abertura dessas vagas e me aconselhou a tentar entrar no PET, se por um acaso eu tivesse as duas oportunidades eu poderia escolher entre uma e outra, e assim eu fiz.

Me tornei uma Petiana, a única mulher do grupo, além da tutora, até então, e não sabia muita coisa sobre o programa. Entrei no grupo de whatsapp que foi criado e a Mariana mandou alguns documentos com o regulamento, o objetivo do programa, nossa carga horária semanal e as obrigações que viriam com ela. Foi nesse momento que eu descobri que teria que fazer uma iniciação científica, o que me assustou muuuuito. O motivo do medo? Um aluno que se disponibilizava para ajudar muitos colegas do curso e que me

⁵ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

ajudou bastante nos primeiros semestres, uma vez me disse que ele não se achava preparado para fazer uma IC, e eu coloquei na minha cabeça que se ele não estava preparado é porque deveria ser muito difícil. Então um dos primeiros sentimentos quando eu li nossas obrigações é que talvez eu não daria conta, mas isso acabou passando.

Nessa época o Kagimura estava substituindo a Mariana, eu comuniquei a ele que gostaria de fazer uma pesquisa na área da educação, ele me sugeriu alguns professores e depois que eu optei pela professora Alessandra ele me auxiliou no primeiro contato e assim eu começava a minha IC, na área da educação, buscando conhecer quem foi Paulo Freire e qual era a educação que ele defendia. A pesquisa na área da educação foi muito importante para mim, porque apesar de estar em um curso de licenciatura eu não sabia se isso era realmente o que eu queria. Durante o ensino médio, antes de fazer essa escolha, eu dizia que nunca seria professora. A IC de fato me ajudou a enxergar a educação com outros olhos e se não fosse pelo PET talvez eu nunca teria ido atrás de fazer uma pesquisa porque a visão que eu tinha sobre isso não era muito otimista como eu já contei.

Agora mudando um pouco de assunto, outra parte muito importante para mim foi estar participando do grupo durante a pandemia. Nesse período eu tinha contato com pouquíssimos alunos, apenas assistia as aulas e no máximo mandava alguma mensagem para alunos que poderiam me ajudar com algumas listas de exercícios ou para tirar dúvidas. Participar do grupo me fez sentir que eu não estava sozinha e que eu ainda tinha um vínculo com pessoas do curso, afinal foram dois anos em que ficamos distantes fisicamente das pessoas e da universidade como um todo. As reuniões semanais, o grupo de estudo de comunicação não-violenta, as obrigações e a organização de eventos fizeram com que eu me aproximasse de pessoas que são muito importantes para mim. Fazer e se sentir parte de um grupo foi muito bom e importante durante essa caminhada.

Inclusive, uma das primeiras atividades que me recordo de fazer dentro do grupo é o estudo da comunicação não-violenta, antes mesmo de iniciarmos a realização dos eventos remotos. Gostei tanto do tema que fiz algumas postagens no instagram do nosso grupo e escrevi um trabalho para um evento em conjunto com a professora Mariana. Tenho certeza de que a CNV nos ajudou a estruturar a boa relação que temos dentro do grupo. Fora isso, é uma ferramenta para ser utilizada em vários aspectos da nossa vida pessoal e profissional.

Ainda falando de me sentir parte de um grupo, sinto que as nossas confraternizações foram muito importantes para termos momentos de descontração, de diversão, de jogar conversa fora para podermos nos conhecer mais.

Sejam elas na casa da nossa tutora Mariana ou os cafés da manhã e lanches da tarde que fizemos na sala do PET, até mesmo o cafezinho durante a reunião. No meu ponto de vista esses momentos são essenciais para manter uma convivência e estabelecer uma proximidade do grupo.

Como citei a sala do PET, vou aproveitar para falar sobre o nosso espaço físico. Quando eu tinha uns 16 anos, acompanhava a minha cunhada que na época cursava biologia no IF Goiano, no campus de Urutaí. Ela participava do PIBID e me levou para conhecer a sala deles e eu fiquei totalmente encantada de saber que eles podiam usufruir daquele espaço. Quando eu entrei no PET e nós conseguimos a nossa sala eu fiquei muito feliz de saber que também teria um lugar assim. Para além das reuniões, é um lugar muito bom para quem precisa passar o dia todo na faculdade, é um lugar que também podemos nos encontrar para jogar conversa, para estudar, para fazer as monitorias quando necessário. Então eu acho que ter esse espaço físico é muito importante e útil para o grupo, ainda mais que passamos por todo o processo de limpar, pintar e organizar a sala. Ter visto o ambiente tomando forma e saber como a sala está hoje é muito gratificante.

Em resumo, tenho certeza que fazer parte do PET contribuiu muito para enriquecer a minha formação, principalmente por ter despertado o meu olhar para a educação. Mas além disso o PET contribuiu para que eu continuasse firme nos estudos tentando sempre dar o meu máximo para evitar as reprovações, me fez ter contato com coisas novas me ensinando a ser mais proativa para correr atrás de algumas habilidades que eu não tinha para poder contribuir com o funcionamento do grupo (aprendi a mexer no canva, a cadastrar as atividades, fazer os formulários de presença/inscrição, preencher as planilhas para gerar os certificados) e por mais que pareçam coisas pequenas, eu precisei pedir ajuda para os demais petianos ou para a nossa tutora para aprender cada uma delas. A gente também aprende a respeitar a individualidade de cada um e a trabalhar em grupo, o que pode levar tempo, mas é valioso.

Aguardo ansiosamente o retorno com a experiência de vocês.

Um abraço,

Brenda C Scartezini.

Querida Brenda,

É com muita felicidade que te escrevo essa carta, para falar um pouco das minhas experiências e de como o PET Física Licenciatura mudou a minha vida.

Tudo começou no ano de 2019, quando a Mariana (professora e tutora) me convidou para fazer parte do PET, ela me avisou sobre o edital e resumiu brevemente a documentação que eu precisaria. Confesso que eu fiquei extremamente feliz, mas eu não sabia exatamente o que era o PET, e eu precisei ir atrás dessas informações, e após a minha pesquisa, eu decidi “vou querer entrar nisso aí!”. Eu corri para separar os documentos, tive que fazer currículo do zero, fiquei com medo de ficar faltando informação. Mas, felizmente deu tudo certo, uma parte destes documentos eu já tinha em mãos, por causa do edital do PIBID que até então, era o que eu tinha em vista, uma vez que, eu tinha sido aceito..

Quando o resultado do PET saiu, eu fiquei muito feliz, obviamente. Porém, eu fiquei com receio do que viria pela frente, era algo novo para todo mundo, as Físicas não tinham PET, então ia ser todo mundo aprendendo com todo mundo, o que iríamos fazer, quais atividades, etc. Foi um período de organização, de buscar por um local para nos estabelecermos e felizmente deu tudo certo. A sala passou por algumas reformas e foi bacana ver o pessoal engajado, uma pena que no ano de 2019, nós não conseguimos utilizar a sala.

Então em 2020, quando nós pensamos “vamos começar com tudo!”, veio a pandemia do COVID-19, mal tivemos aula. Todo mundo acreditou que era um período curto e no final acabou sendo um período longo e incerto de mais ou menos 2 anos. Quando nós decidimos iniciar as atividades, todas foram remotas, o nosso PET começou remoto e foi muito desafiador. Inclusive, nós fizemos tanto nesse período, que fomos reconhecidos como o PET que mais trabalhou na pandemia, eu me enchi de orgulho, foi surreal. Mas é aqui, nesse instante, em que a minha vida mudou graças ao PET.

A minha vida mudou, porque eu saí da minha zona de conforto. Eu tive que aprender coisas novas, aprender a usar tecnologias novas, tive que aprender a deixar a vergonha de lado e encarar tudo o que aparecesse, uma vez que nós teríamos que abranger os três pilares principais do PET, que são: ensino, pesquisa e extensão. Fora isso, tinha a iniciação científica, que a meu ver foi muito especial, em todos os aspectos possíveis, o que eu aprendi em 2 anos de IC foi muito bom, e eu ainda sinto, que poderia ter tido mais, poderíamos ter ido mais longe, se não fosse o período pandêmico.

O PET virou a chave em mim, eu precisei correr atrás, ser proativo, ser organizado, ser prestativo, tive que aprender a estudar o que eu gostava e o que eu não gostava, tive que aprender a lidar com responsabilidades que até então, eu não tinha. Tudo isso começou a forjar uma nova pessoa, um novo EU. Algo que poucos sabem, mas se não fosse pelo PET provavelmente eu teria saído do curso, ainda em 2019 e teria ido para a USP de São Carlos cursar Física Computacional, mas fazer parte de um grupo tão bacana, de pessoas que independente dos problemas, acreditam em você, foi e sempre será o diferencial do PET.

Como o PET é um grupo e cada um pensa diferente, eu precisei melhorar minhas habilidades sociais, comunicação, exposição de ideias e por aí vai. Mas essa melhoria começa, a partir das reuniões de CNV (Comunicação Não-Violenta), eu aprendi muito, a troca foi muito benéfica, e eu acredito que isso marcou a todos que participaram.

Mas o marco do PET na minha vida, foi quando nós retornamos ao presencial em 2022. Neste ano, foi um ano de colocar as coisas no lugar, chamar mais estudantes para o grupo, buscar mais recursos, foi um ano bacana, repleto de atividades, eu acabei fazendo muitas atividades e tudo o que eu aprendi no remoto, utilizei no presencial. Mas foi nesse ano, que eu comecei uma nova iniciação científica e eu acredito que isso só se deu, devido ao PET.

Então, no ano de 2023, eu decidi entrar no mercado de trabalho. Não foi uma decisão fácil, mas foi necessária, a bolsa de R\$400,00 não estava sendo mais o suficiente e também, eu queria muito começar a ter a experiência profissional. Eu acabei entrando em uma empresa de telemarketing e, mesmo sendo o meu primeiro emprego, eu entrei experiente em outras áreas, ser petiano me mostrou como eu posso me impor para um entrevistador, pelo tanto de atividades que eu realizei, isso sem dúvidas faz diferença.

Mas o diferencial surge, quando eu decidi sair do atual emprego e fui chamado para uma entrevista em uma escola particular de educação infantil. Eu nunca me senti tão bem preparado, como eu estava nesse período. O PET me abriu tantas portas, eu aprendi tantas coisas, conheci tanta gente legal e tudo isso foi colocado na entrevista, ali eu senti a diferença, o meu jeito de falar, a postura, a clareza, a confiança, a humildade etc. Eu me senti profissional. Mês que vem vai fazer um ano que eu estou lá, eu sou feliz, gosto do que faço, gosto de ser professor.

Assim, eu finalizo dizendo que eu sou eternamente grato e feliz por fazer e ter feito parte do PET Física Licenciatura. Eu agradeço a cada um dos integrantes e principalmente a tutora Mariana, que em diversos momentos

podíamos facilmente dizer que ela foi “Mãeriana”. Todas essas experiências, levarei por toda a vida e torço para que esse PET nunca, de forma alguma se encerre, muito pelo contrário, que seja valorizado, que seja reconhecido como uma oportunidade de crescimento pessoal, acadêmico e profissional. O PET não quer dividir alunos com outros programas, o objetivo é impulsionar, motivar e enriquecer o curso de Física Licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia. Que o PET abra portas para os que virão, assim, como abriu para mim!

VIVA O PET!

Com carinho, Fabrício

Uberlândia, 25 de fevereiro de 2024.

Prezada Brenda,

Fiquei imensamente feliz ao ler sua carta e constatar que o trabalho que temos realizado como grupo está começando a render frutos para além das atividades que desenvolvemos. Assim como você fez, permita-me começar compartilhando minha experiência inicial com o PET. Foi durante uma conversa com colegas de períodos mais avançados no curso que tomei conhecimento sobre o programa. Eles mencionaram ter escrito um artigo durante a disciplina de Metodologia de Pesquisa, detalhando a dinâmica do PET e as atividades desenvolvidas.

Essa conversa despertou meu interesse em participar, pois a proposta do PET me pareceu cativante desde o início, e sempre almejei integrar algum grupo durante minha graduação. Além disso, a oportunidade de continuar minha já iniciada IC dentro do PET adicionou ainda mais motivação à minha decisão. Ao receber a notícia de que fui selecionado, a alegria foi imensa, e mal podia esperar para conhecer os demais integrantes e nossa tutora, Mariana. Desde as primeiras reuniões, ficou evidente que éramos um grupo coeso, unido não apenas entre os petianos, mas também em relação à nossa tutora. Hoje, posso afirmar com segurança que encontrei verdadeiros amigos nessa jornada.

Eu não consigo imaginar minha graduação sem o PET, já que entrei no grupo no meu primeiro ano, mas posso afirmar que minha formação foi especialmente completa fazendo parte do grupo. Lá eu aprendi coisas que não aprendemos em nenhum curso formal, aprendi a gerenciar problemas, aprendi sobre como funciona a universidade em si, tendo que lidar com a

parte administrativa da UFU, aprendi coisas que nunca achei que teria interesse e, por último e mais importante, aprendi o que é fazer parte de um grupo que pensa no bem dos outros. E não só durante os eventos eu tive momentos de aprendizagem, mas também durante as diversas conversas que tive na sala do PET.

E como você falou sobre ela, eu não pude deixar de falar também, já que o espaço físico do PET, carinhosamente conhecida por todos como “Sala do PET”, definitivamente foi um lugar de acolhimento, no qual sempre estava de portas abertas, seja para tirar uma dúvida de alguma matéria, seja para um local para sentar e estudar ou então simplesmente um local para jogar papo fora. Lá onde realizamos nossas reuniões, onde planejamos e preparamos nossos eventos, onde discutimos sobre quais as demandas dos alunos do curso e da sociedade na qual estamos inseridos para nossas atividades de ensino e extensão, um lugar de muito trabalho e muitas memórias.

E como uma orquestra precisa de um maestro para guiá-la, nosso grupo teve uma mulher muito gentil, amorosa e implacável, uma verdadeira líder, que trata todos os petianos como iguais e nos ajuda em tudo, a qualquer momento. Uma pessoa que sempre está disponível e se preocupa com o bem-estar do grupo, que busca constantemente novas parcerias e atividades. Ela fez com que cada um dos petianos se sentisse parte de um grupo, seja com as diversas comemorações que organizamos em nossa sala, bem como todas as confraternizações que ela gentilmente abriu as portas de sua casa para nos receber. Por isso, a tutora Mariana, eu tenho apenas que agradecer por ser nossa tutora.

Enfim, o PET foi de suma importância para minha formação não só profissional, mas também pessoal. Com certeza, toda vez que alguém me perguntar sobre como foi minha graduação, a primeira coisa que mencionarei é como o PET foi fundamental para eu chegar lá.

Outro abraço,
João Vitor Reis.

A graduação, pelo menos para mim, foi algo muito gratificante. Pela primeira vez na vida eu tinha um propósito de vida, que seria estudar Física e Matemática. Para alguém que vivia na concupiscência ter um objetivo de aperfeiçoamento individual e uma possível contribuição para sociedade foi algo que me deu um motivo para se viver.

Eu e alguns colegas de turma vimos no PET um objetivo de realização. A criação do grupo PET seria de extrema importância para o nosso curso de graduação, pois iria contribuir para melhor desenvolvimento do curso, além,

é claro, de ser um projeto com bolsa. As dificuldades financeiras dos discente é algo presente na realidade de nosso curso, por mais que exista vários projetos de extensão no curso, com bolsa, eles são limitados por tempo, o que acaba por não minar o problema financeiro do discente que participa dos projetos de extensão oferecidos, pois com o término do projeto o aluno voltaram a precisar de adquirir alguma renda.

Logo vimos na disciplina “Metodologia de Pesquisa” uma oportunidade para criar um movimento em prol da criação do Grupo PET da Física. Escrevemos um trabalho mostrando a importância de ter um grupo PET no curso de graduação, pensamos que esse trabalho poderia ajudar na criação do Grupo e nosso curso. Por coincidência do destino, não pouco tempo depois, abriu um edital para a criação do Grupo PET.

O coordenador do curso na época, Ricardo Kagimura, junto com a docente Mariana Mieko Odashima viu nosso empenho no projeto como algo positivo e nos chamou para ajudar na criação do projeto para o edital de criação do grupo PET. Ficamos muito felizes quando o nosso curso foi contemplado no edital de formação do Grupo PET.

Com o recém-criado Grupo PET agora só restava se candidatar ao edital para participação do grupo. Praticamente todos que participaram foram aceitos. Ressalva apenas de um colega que desistiu da vaga, pois acreditava que seria muito difícil para ele, também tinha o motivo financeiro que poderia atrapalhá-lo. Esse nosso colega depois saiu do curso para se dedicar integralmente ao trabalho. Como eu tinha feito PIBID e escrito alguns artigos, também tinha o fato de ter várias horas extras em atividades não curriculares, passei em primeiro colocado.

Assim começa a minha jornada no grupo. O projeto de extensão PIBID, no qual eu recebia bolsa, que me ajudava a me manter na faculdade, estava no final. Não sabia qual caminho eu iria tomar e o início das atividades PET não começava. Veio logo em seguida a pandemia de COVID. No final de 2020 começou as atividades do grupo, se essa jornada iria ser algo desafiador e novo na minha vida a pandemia fez questão de deixar ainda mais intenso. No começo ninguém sabia muito bem como tocar o projeto, ainda mais em meio a uma pandemia. No fim tudo aconteceu bem e fomos indo do jeito que conseguimos.

Eu sempre acreditei no projeto PET, via o projeto como uma oportunidade e que abriria muitas portas para mim. A minha escolha de Iniciação Científica foi bem inusitada, na matemática, em uma área que não tinha muito conhecimento. Em muitas vezes me pegava em uma melancolia profunda, como também em uma procrastinação, em relação a minha pesquisa. Após refletir percebi que era pelo simples fato de nunca

entender bem o que estava fazendo em minha pesquisa, mesmo lendo livros com o título “introdução”, mas decidi que não poderia me deixar desistir. Com o tempo e perseverança comecei a perceber uma enorme evolução, pelo menos em conhecimentos matemáticos que não tinha de início. No final de tudo, entendi que a ansiedade e o sentimento de incompetência poderiam ser superados com motivação e persistência, assim no final poderia se observar uma conquista. Talvez esse seja o maior ensinamento que o Grupo me deu durante esse tempo.

Uma coisa que não foi aproveitado muito em minha parte no grupo foi desenvolver várias expertise, como tive que sair de casa e começar a trabalhar, sempre estava cansado, logo evitava ao máximo qualquer coisa que me demanda-se muito tempo e esforço.

Em uma palestra, das várias que assistia do NEAB, pois fazia um curso de inglês lá, foi levantado um questionamento, primeiramente foi explicitado como o fato de pessoas negras e de baixa renda estão em uma situação favorável em está fazendo uma faculdade pública, contudo a questão é o que você sendo essa pessoa faz para o lugar de onde veio? Como você volta essa oportunidade de adquirir conhecimento e oportunidade na vida para a comunidade de onde veio?

Em um período, no meio da pandemia, pude junto com algumas pessoas, principalmente Professor1 e pessoa1, idealizar um projeto e colocá-lo em prática. O Grupo de Estudos Africanidades foi uma atividade gratificante. Ao estudar sobre alguns tópicos, como história da África e a psique dos racismos, pude ter uma visão melhor do mundo que me circunda. Sem contar que participar das reuniões semanais acabava por me aliviar de uma sociedade que pode ser um tanto opressor. O que me deixava mais gratificante era perceber que os meus sentimentos sobre o grupo parecia ser algo compartilhado, logo tudo aquilo fazia sentido. No fim o grupo acabou morrendo quando a minha saúde começou a decair, tanto física como psicológica, assim com esse fato e por os dois idealizadores que começaram o projeto comigo terem saído o peso do projeto foi demais para mim.

Em suma o Grupo PET foi de grande desenvolvimento pessoal para mim, talvez se eu tivesse mais tempo disponível, e não tão mal mentalmente, poderia ter sido ainda melhor.

Keoma H. Kurashima.

Querido PET,

não estou me dirigindo neste momento aos petianos, mas sim a você: o PET. Sei que é algo abstrato, mas sinto que eu deveria te dizer algumas coisas. Quando você chegou na vida, eu senti que era uma grande oportunidade para me desenvolver intelectual, social e emocionalmente. Até o momento eu era monitor das disciplinas de Física e Matemática, e acredito, era bom no que fazia, bom o suficiente para ficar na minha zona de conforto. Você me mostrou que era possível desenvolver uma pesquisa, conhecer novas pessoas, me tornar mais resiliente diante dos empecilhos da vida. Entretanto, sofri um duro golpe antes mesmo de te conhecer pessoalmente: a pandemia.

Foi declarado pandemia exatamente dia 11 de março de 2020, meu aniversário. A partir desse dia, aquilo que deveria ser um sonho, se transformou em pesadelo. Uma sensação profunda de vazio e de que as coisas nunca seriam como planejadas me tomou. Com o início do seu funcionamento de forma remota, a falta de recursos me imobilizou, eu me sentia inútil e um impostor, tantos colegas meus, petianos, contribuindo ativamente, com suas habilidades magníficas com você me mostrou que talvez tivesse sido um erro te conhecer.

No primeiro semestre da pandemia esse sentimento de tristeza profunda me dominou e não consegui finalizar nenhuma das disciplinas das quais participei e senti também que estava falhando com você. O que eu poderia contribuir? Eu não tinha nenhuma outra habilidade além de saber, de forma rasa, Física e Matemática. Mas de alguma forma, eu me senti fazendo parte de uma família, meus outros amigos sempre estavam ali, demonstrando sentimentos semelhantes aos meus. Foi isso que me ajudou, me fez recobrar uma coisa que a pandemia havia me tirado, meu sonho. Antes eu tinha o sonho de mudar o mundo, de deixar esse lugar aqui um pouquinho melhor, mas vi que era um sonho grande demais, você me fez ver que as mudanças acontecem aos poucos, por pessoas de todo o mundo, que sonham o mesmo sonho. Sabe? Isso me faz lembrar de um capítulo de Sandman chamado "sonhos de mil gatos". Nele é dito que se mil gatos sonharem o mesmo sonho, então a realidade mudará. Acredito muito nisso.

Parte do que reforça minha crença nessa ideia é que vi algumas poucas pessoas transformarem o mundo, ao menos localmente, em um lugar melhor. Cada petiano me ensinou algo distinto, mas o maior ensinamento foi a cooperação deles como um todo. Cooperação essa que talvez fosse um pouco aleatória e caótica, mas que no fim seguia uma direção óbvia, assim como a difusão de um gás, que por mais aleatória que seja, sempre acaba indo do lugar de maior concentração para o de menor.

O professor Ricardo Kagimura e a professora Mariana Odashima se tornaram pessoas muito importantes quando te conheci. Eu não estava bem, e eles forneceram um acolhimento maravilhoso, tenho uma gratidão infindável por eles. O Kagimura nos ensinou sobre Comunicação Não Violenta (CNV), o que constituiu um grande desenvolvimento emocional e social, saber reconhecer meus sentimentos e necessidades com certeza salvou minha vida. Como cientistas normalmente nos esquecemos que existem aspectos que não podem ser controlados ou previstos com equações, os sentimentos. O trabalho desenvolvido por eles me ajudou a recuperar uma parte minha que eu tinha perdido, e que constituía todo o meu ser: meu encantamento com o mundo. Se eu tivesse perdido isso de forma definitiva seria, parafraseando Benjamin Franklin, minha morte aos 20 anos, mesmo que eu fosse enterrado aos 80.

Outra parte relevante foi eu ter conhecido o autor Rubem Alves quando eu ainda estava com você. Pela primeira vez eu senti que tinha algo a contribuir com você e com o mundo, algo que eu achei que eu já era bom o suficiente: o educar. Retornei então para aquilo que eu fazia antes: mostrar o lado belo da Física e da Matemática para meus colegas de curso ou para quaisquer outros interessados. Me descobri como um utópico, sonhador e apaixonado não apenas pela natureza como antes, mas pelo educar.

Quando te conheci, eu sabia que teria que realizar uma Iniciação Científica, e isso me assustou muito, nunca me senti bom o suficiente e nem capaz de realizar tal tarefa. E esse sentimento permaneceu por uns dois anos, sempre saltando de áreas de pesquisa, eu não me encontrava em nenhuma delas. Até que um dia o professor Kagimura me contou sobre o Storytelling e fiz toda a pesquisa com a ideia de que era daquilo que eu gostava, mas também nunca foi. Eu apenas consegui realizar essa pesquisa e finalizar meu TCC por eu conseguir inserir nele meus ideais de mundo: o Universo é sublime; a Física deve ser ensinada não por suas aplicações técnicas, mas pela nova lente que nos proporciona ver o mundo sob um novo ângulo, um ângulo belo e empolgante; a pesquisa científica deveria ser mais humana, mais próxima do leitor e deveria ser encarada como uma forma de arte.

Eu quis não te conhecer tantas vezes, você me fez querer desistir tantas vezes, mas eu consegui suportar você por tanto tempo. Hoje, vendo em retrospecto, vejo que o principal problema nunca foi você, foi a pandemia e sentimentos que vocês me provocaram por acontecerem juntos. Você me propiciou tantas experiências maravilhosas, que expandiram minha mente e minha capacidade de ver o mundo. Sei que hoje estou aqui porque tudo o que planejei deu errado, como diria Rubem Alves. Mas sou muito grato a você. Quando eu parti, senti muitas saudades, e ainda sinto, de você, da

minha contribuição aos meus colegas e da minha família petiana. Sinto saudades de conversar com eles, todos os dias.

Eu nunca mais fui o mesmo do dia 10 de março de 2020, tanto de uma boa forma quanto de uma ruim. Mas sei que sem você, eu não estaria tão bem como hoje. Sem minha família petiana eu provavelmente teria me desencantado com o mundo e hoje estaria aqui apenas mais uma casca vazia.

Estou com saudades, Leandro Oliveira

O PET foi uma grande oportunidade para mim, pois este surgiu em um momento em que eu estava completamente desiludido com curso, chegando até mesmo pensar em sair do curso, mesmo estando nos últimos períodos. Durante o curso tive a oportunidade de trabalhar em diversos projetos, como PROSSIGA e o museu DICA. No entanto apesar das oportunidades, e sou muito grato aos professores Kagimura, professor², e professor³ por me darem esta oportunidade, eu nunca me identifiquei com esses projetos, por mais que reconhecesse suas importâncias. Fora tudo isso, tinha o fato que eu não tinha decidido o que eu gostaria de fazer após finalizar a faculdade. Minha vontade era fazer uma pós-graduação, mas nem ao menos uma área de atuação eu tinha noção. Toda essa desilusão me levou a momentos de crises de ansiedade e depressão.

Ao final de 2019, a professora Mariana me convidou a inscrever no PET., a partir daí muitas coisas mudaram. A primeira que finalmente tive a oportunidade de desenvolver um projeto de iniciação científica, visto que até então não conseguindo encontrar projetos (além do fato que na época estava havendo diversos contingenciamento de recursos nas faculdades, o que diminuiu drasticamente o número de bolsas disponíveis). Além da pesquisa individual, no PET pude desenvolver projeto que já havia proposto para alguns professores em outras oportunidades, mas que nunca foram para frente, como minicursos de programação e estudos preparatório para o EUF.

O PET também foi importantíssimo para o desenvolvimento de minhas interações sociais. Desde pequeno tive dificuldade em desenvolver relações interpessoais devido a questões psicológicas. Isso não apenas dificultava minha capacidade de fazer amizades como também minha habilidade de realizar trabalhos em grupo. Por exemplo, em disciplinas práticas de laboratório, onde normalmente se trabalha em grupo, era comum eu me propor por escrever o relatório sozinho, enquanto deixando para os outros integrantes do grupo a cargo de apenas revisar o texto. Minha paciência para trabalhar em grupo era tão pouco, que eu preferia fazer todo o trabalho duro e colocar o nome deles no final. Porém no PET as coisas mudaram, uma vez

que a interação do grupo era um dos pilares do projeto, o que fez não apenas fazer novas amizades como aprender trabalhar em grupo. Outro fator que me ajudou a desenvolver minhas interações pessoais foi o projeto de comunicação não violenta, que me fez uma pessoa mais paciente com os outros e melhorou minha capacidade de comunicar com as pessoas.

Por fim o PET teve a importância de ter finalmente dado rumo aos meus objetivos. Hoje se tenho um plano definitivo do que pretendo fazer futuramente, foi graças ao PET, por isso sou extremamente grato ao projeto, à professora Mariana e Kagimura, e aos colegas do PET por ter me tirado esse sentimento desmotivação em continuar na física. Hoje estou finalizando o mestrado em Física graças ao PET.

Lucas Soares Sousa

Prezada Brenda,

Escrevo essa carta com a motivação de descrever minha vivência ao longo dos 3 anos que pude participar como membro da primeira turma do Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Tudo começou no segundo semestre do ano de 2019, na Disciplina de Metodologia de Pesquisa com o Prof. Adevailton. Naquele tempo, eu, Leandro, aluno1, Paulo e o Keoma, fazíamos parte do mesmo grupo na disciplina e devido a nossa convivência, amizade e por sermos da mesma 24° Turma, buscávamos entender alguns problemas que o Curso de Licenciatura em Física enfrentava e enfrenta até hoje. Era comum termos discussões a respeito de Física, sobre Educação, sobre as Disciplinas que cursávamos e sobre o nosso Curso, o que não seria diferente na disciplina do Prof. Adevailton. Foi proposto um Projeto de Pesquisa para o nosso grupo realizar ao longo do semestre e escolhemos estudar e pesquisar a respeito do tal Programa de Educação Tutorial que alguns cursos da UFU possuíam, dividimos nossas tarefas e cada dupla era responsável por coletar informações sobre os grupos PET do curso de Matemática e de Engenharia Biomédica, que foram escolhidos por nós. Buscamos informações como: diminuição no índice de evasão dos cursos, ingresso de membros, melhora na extensão universitária, melhora na qualidade do curso, atividades realizadas pelo grupo e entre outros aspectos. Conseguimos reunir essas informações e construímos o projeto de pesquisa com a intenção de mostrar que ter um PET no curso de Licenciatura em Física seria benéfico em vários aspectos como os citados

anteriormente nos aspectos pesquisados, o PET trabalha em três eixos principais: a pesquisa, o ensino e a extensão, atributos fundamentais para um futuro docente em formação. Com a conclusão dessa etapa, contamos com a ajuda da Profa. Mariana Odashima para participar do edital de criação do PET e ser a primeira Tutora do Grupo. Com a contemplação do edital, iniciamos o PET em 2020 e contamos com a ajuda do Prof. Ricardo Kagimura pois a Profa. Mariana estava de licença-maternidade.

Com o PET, pude ter uma experiência única em minha formação, ao longo do ano de 2020 e em meio a pandemia tivemos que nos reinventar e aprender a realizar atividades no formato remoto, foi um desafio que o nosso grupo aceitou e fez com muita maestria. Fizemos um site para divulgar nossos eventos, construímos as redes sociais do Grupo e fizemos diversas atividades que abrangiam os pilares fundamentais do PET: a pesquisa, o ensino e a extensão. Nessa oportunidade, aprendi habilidades importantes como a Comunicação não-violenta, edição de vídeos, edição e criação de sites e redes sociais, habilidade de liderança e trabalho em grupo e por fim, cultivei bons valores com meus pares. Ao longo desses 3 anos, percebi que o PET fez muito bem para o Curso, fizemos diversos mini-cursos de formação nas mais variadas áreas como: física, matemática, ensino de física, formação docente, educação, astronomia, preparação para o EUF, ações afirmativas, saúde mental e outros temas. Além disso, posso citar a importância do espaço físico que o grupo PET Física Licenciatura possui, é um lugar acolhedor onde os membros do grupo se reúnem para reuniões, para estudo, confraternizações e monitorias. Foi no PET que encontrei o meu caminho ao começar uma Iniciação Científica com o Prof. Gustavo Almeida que me apresentou o mundo da óptica e da fotônica, semeando valores e saberes fundamentais e que me fizeram estar onde estou hoje, aprendi muito e construí experiências que levarei por toda a minha carreira. O PET fez e sempre fará parte da minha vida, sendo um Grupo de excelência, de compromisso, de amizade, de crescimento e principalmente de fortalecimento. Sempre defendi o PET, enaltecendo seus feitos e suas ações que são impactantes para a comunidade externa, para o Instituto de Física, para o Curso de Licenciatura em Física e para a UFU e nunca deixei que falassem mal de nosso grupo ou de qualquer membro do PET Física Licenciatura.

Pude participar como representante do nosso Grupo no InterPET, que é a entidade estudantil que representa todos os grupos PET na UFU, e cheguei a ser Coordenador do InterPET exercendo o papel de liderança e buscando formas de ajudar os meus colegas, atuei também como um dos Organizadores do Encontro Institucional de Grupos PET's da UFU juntamente com o Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação (CLAA). A experiência foi positiva

pois me possibilitou exercer o papel de liderança, me proporcionou criar laços de amizade e a construir um networking bem interessante. Na organização, pude aperfeiçoar mais ainda minhas habilidades de trabalhar em grupo, de assumir responsabilidades e de organizar eventos, habilidades úteis nos dias atuais. Além disso, recomendo a todos os petianos que façam parte do InterPET e atuem sempre na defesa do PET, na melhoria do programa e principalmente na valiosa oportunidade de trabalhar com pessoas de outras áreas, buscando conexões e estabelecendo pontes entre a diversidade das pessoas e os integrantes dos demais PETs.

Para finalizar, sou muito grato ao Programa de Educação Tutorial do Curso de Licenciatura em Física, tenho muito orgulho de dizer que sou petiano e em todos os lugares que eu vou, ao falar que participei do PET, sou bem recebido e portas se abrem. Não é apenas uma bolsa, não é apenas dinheiro, mas é o sentimento de pertencimento a um grupo excelente de pessoas fantásticas, de experiências maravilhosas e enriquecedoras. Nosso Grupo PET Física Licenciatura é e sempre será elogiado na Universidade Federal de Uberlândia, sendo um dos grupos que mais atua, fato que é comprovado pelas pessoas envolvidas e pelos relatórios enviados ao CLAA. Deixo o meu mais sincero agradecimento a Profa. Mariana Odashima, que é uma mulher incrível e, um exemplo de Professora, muito batalhadora, e que nunca deixou o PET de lado e sempre dedicou integralmente aos membros do grupo e ao crescimento do PET. O PET mudou minha vida, me motivou a não reprovar, me mostrou o caminho da pesquisa científica, me encantou com sua formação de excelência e me cativou mais ainda a defender a educação e me tornar um professor. Hoje eu estou no Mestrado Acadêmico da Universidade de São Paulo (USP) em São Carlos, e devo muito ao PET Física Licenciatura, aos meus amigos petianos e minha tutora, que sempre me ajudaram e me apoiaram nessa jornada.

Com estima,

Marcelo

Prezada autora,

Gostaria de compartilhar com você um pouco sobre minha decisão de ingressar no Programa de Educação Tutorial (PET) e o impacto significativo que essa experiência teve em minha formação.

Minha motivação para integrar o PET derivou da busca por novas formas de expandir minhas experiências no âmbito educacional e desenvolver habilidades fundamentais no trabalho em equipe. Sempre tive grande afinidade com a área educacional e senti a necessidade de compreender melhor como lidar e cooperar com colegas e alunos. A decisão de participar do PET representou, para mim, uma oportunidade única de aprimorar essas competências.

É relevante destacar que minhas experiências anteriores com Iniciação Científica (IC) no PET, antes de ter a professora Alessandra como mentora, inicialmente me desanimaram em prosseguir no projeto. No entanto, a oportunidade de trabalhar sob a orientação da professora Alessandra foi transformadora. Sua abordagem pedagógica, comprometimento e apoio foram fundamentais para revitalizar meu entusiasmo e determinação em contribuir para o grupo.

Ao longo do tempo no PET, pude perceber mudanças significativas em minha formação. A experiência proporcionou-me um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades de pesquisa, ensino e extensão, além de promover uma compreensão mais profunda sobre o papel do educador no contexto acadêmico. Dentre os elementos que mais me impactaram dentro do programa, destaco a importância de ter uma mentora dedicada, a sensação de pertencimento ao grupo, as instigantes atividades de pesquisa, ensino e extensão, e a relevância de eventos e monitorias. Cada um desses aspectos contribuiu significativamente para a minha trajetória acadêmica e para a compreensão mais ampla do papel do profissional de educação.

Em verdade, o PET não apenas atendeu às minhas expectativas, mas superou-as, moldando positivamente minha visão sobre o ensino e proporcionando uma formação mais abrangente e integrada.

Agradeço a oportunidade de compartilhar essas reflexões.

Atenciosamente,

Paulo Vinícius Teodoro Prado

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Depois de ler e refletir sobre as cartas dos primeiros integrantes do grupo PET Física Licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia, mantendo em foco a questão central do estudo que é compreender a contribuição e o impacto do Programa na formação e na vida dos petianos, foi possível identificar diversos assuntos que serviram de base para a construção da análise. Assim, por meio da organização dos dados e da interpretação com foco no objetivo da pesquisa, a análise é detalhada adiante.

Parte das cartas iniciaram com o relato do motivo/motivação que os discentes tiveram para que se tornassem PETianos. Esses relatos propiciaram uma reflexão voltada para o curso de Física Licenciatura e sobre como algumas disciplinas, aliadas a conduta do professor, podem desenvolver um papel fundamental na formação.

Tudo começou no segundo semestre do ano de 2019, na Disciplina de Metodologia de Pesquisa com o Prof. Adevailton. Naquele tempo, eu, Leandro, Aluno1, Paulo e o Keoma, fazíamos parte do mesmo grupo na disciplina e devido a nossa convivência, amizade e por sermos da mesma 24° Turma, buscávamos entender alguns problemas que o Curso de Licenciatura em Física enfrentava e enfrenta até hoje. Foi proposto um Projeto de Pesquisa para o nosso grupo realizar ao longo do semestre e escolhemos estudar e pesquisar a respeito do tal Programa de Educação Tutorial que alguns cursos da UFU possuíam [...]. Conseguimos reunir essas informações e construímos o projeto de pesquisa com a intenção de mostrar que ter um PET no curso de Licenciatura em Física seria benéfico em vários aspectos [...]. Com a conclusão dessa etapa, contamos com a ajuda da Profa. Mariana Odashima para participar do edital de criação do PET e ser a primeira Tutora do Grupo. Com a contemplação do edital, iniciamos o PET em 2020 e contamos com a ajuda do Prof. Ricardo Kagimura, pois a Profa. Mariana estava de licença-maternidade. (Marcelo)

Eu e alguns colegas de turma vimos no PET um objetivo de realização. A criação do grupo PET seria de extrema importância para o nosso curso de graduação, pois iria contribuir para melhor desenvolvimento do curso, além, é claro, de ser um projeto com bolsa. Logo vimos na disciplina “Metodologia de Pesquisa” uma oportunidade para criar um movimento em prol da criação do Grupo PET da Física. Escrevemos um trabalho mostrando a importância de ter um

grupo PET no curso de graduação, pensamos que esse trabalho poderia ajudar na criação do Grupo e nosso curso. Por coincidência do destino, não pouco tempo depois, abriu um edital para a criação do Grupo PET. O coordenador do curso na época, Ricardo Kagimura, junto com a docente Mariana Mieko Odashima viu nosso empenho no projeto como algo positivo e nos chamou para ajudar na criação do projeto para o edital de criação do grupo PET. Ficamos muito felizes quando o nosso curso foi contemplado no edital de formação do Grupo PET. (Keoma)

As narrativas permitem refletir sobre o quão impactante pode ser uma abordagem que não seja puramente conteudista. O componente curricular de metodologia de pesquisa pode ser abordado de diversas maneiras, mas o professor em questão deu autonomia para que os discentes escolhessem temas para que desenvolvessem os próprios projetos de pesquisa, o que resultou na conquista de um grupo PET para o curso de Física Licenciatura. Sobre essa abordagem, Paulo Freire discorre que:

[...] “ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. [...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (Freire, 2019a, p.28).

Outra discussão pertinente é sobre a autonomia do ser do educando. “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (Freire, 2019a, p. 58). O professor precisa dar espaço à curiosidade, às inquietações e à linguagem de seus alunos e alunas. Juntando a isso uma interação pautada no diálogo e na comunhão de ideias, cria-se um ambiente onde o discente tem liberdade de participar e criar, o que pode gerar mudanças significativas para os sujeitos envolvidos e para as demais pessoas, como acabou acontecendo.

Ainda sobre a motivação de se inscrever no primeiro edital do grupo, relata-se que:

Quando penso no PET a primeira lembrança que surge na minha memória é a professora Mariana me contando que o processo seletivo estava aberto, que nenhuma aluna havia se interessado pela vaga e perguntando se eu não gostaria de participar da seleção. Me tornei

uma Petiana, a única mulher do grupo, além da tutora, até então (Brenda).

Essa fala reflete um cenário onde a presença feminina nos cursos de ciências exatas, fazendo um recorte especial para o curso de Física, é significativamente menor do que a presença masculina. Algumas pesquisas vêm sendo feitas para conhecer mais sobre esse contexto, dentre elas foi estudado o número de ingressantes no curso de física da Universidade Federal do Tocantins, entre o período de agosto de 2009 a março de 2018, e apenas 31,65% dos ingressantes correspondia a estudantes mulheres, contra 68,35% de homens, um número considerado acima da média (De Carvalho; Da Silva; Rodrigues, 2020). Em outro estudo que foi feito em uma Universidade Federal nordestina, em 47 anos de história a porcentagem é de 85% de homens contra apenas 15% de mulheres, com um aumento mínimo de 0,01% ao ano (Carvalho, 2021). A mesma análise foi feita na Universidade Federal de Santa Catarina, e entre os anos de 2000 e 2017 as mulheres correspondiam a apenas 23,5% do total de ingressantes do curso de licenciatura em física, enquanto os homens compunham 76,5%. Um estudo feito a partir dos Microdados do Censo da Educação Superior de 2018, disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) mostra que a realidade é mesmo essa, a parcela de estudantes do sexo masculino nas licenciaturas em física do país corresponde a 70,9%, enquanto apenas 29,1% do total de estudantes são mulheres (Vizzotto, 2021).

O PET Física Licenciatura reflete o que vem sendo mostrado nas pesquisas, o que evidencia a necessidade de um olhar atento para as meninas do curso, fornecendo o apoio necessário e incentivando a permanência no curso. Nesse contexto, o grupo desempenha um papel crucial ao criar um espaço de apoio e incentivo para as estudantes, promovendo uma cultura inclusiva que valoriza e nutre o potencial de todas as pessoas, independentemente do gênero. Ao garantir que as estudantes se sintam apoiadas e capacitadas a seguir em frente em suas jornadas educacionais e profissionais, o programa desempenha um papel essencial na construção de um ambiente mais inclusivo e representativo na academia e na sociedade como um todo.

Na composição das cartas teve um tópico que apareceu com certa recorrência: um estudo realizado entre os participantes do grupo sobre Comunicação Não-Violenta (CNV). A CNV é uma abordagem que foi desenvolvida nas décadas de 60 e 70 pelo psicólogo americano Marshall B. Rosenberg. Inicialmente foi projetada para ser utilizada em um contexto de integração pacífica entre escolas e instituições de ensino, mas atualmente é divulgada como uma ferramenta que auxilia na melhora das relações pessoais e profissionais, desenvolvendo competências socioemocionais e inteligência emocional. Esse processo de comunicação foi pensado para

que as pessoas pudessem se conscientizar sobre suas atitudes, emoções e necessidades, possibilitando mudar a forma como cada pessoa se expressa e ressignificar a forma de escutar o outro (Rosenberg, 2003).

Dentre os motivos citados para a relevância de terem estudado CNV, aparece a preocupação de que um novo grupo estava sendo formado e aquele conjunto de pessoas precisariam aprender a se comunicar para expor as próprias ideias e tomar decisões em conjunto, habilidade muito importante para ser utilizada além do ambiente do PET. Além disso, alguns integrantes citam como a ferramenta ajudou de forma eficiente na vida pessoal de cada um.

Como o PET é um grupo e cada um pensa diferente, eu precisei melhorar minhas habilidades sociais, comunicação, exposição de ideias e por aí vai. Mas essa melhoria começa, a partir das reuniões de CNV (Comunicação Não Violenta), eu aprendi muito, a troca foi muito benéfica, e eu acredito que isso marcou a todos que participaram. (Fabrício)

Inclusive, uma das primeiras atividades que me recordo de fazer dentro do grupo é o estudo da comunicação não-violenta, antes mesmo de iniciarmos a realização dos eventos remotos. Gostei tanto do tema que cheguei a fazer algumas postagens no Instagram do nosso grupo e escrevi um trabalho para um evento em conjunto com a professora Mariana. Tenho certeza de que a CNV nos ajudou a estruturar a boa relação que temos dentro do grupo. Fora isso, é uma ferramenta para ser utilizada em vários aspectos da nossa vida, inclusive dentro da sala de aula. (Brenda)

Outro fator que me ajudou a desenvolver minhas interações pessoais foi o projeto de comunicação não violenta, que me fez uma pessoa mais paciente com os outros e melhorou minha capacidade de me comunicar com as pessoas. (Lucas)

O Kagimura nos ensinou sobre Comunicação Não Violenta (CNV), o que constituiu um grande desenvolvimento emocional e social, saber reconhecer meus sentimentos e necessidades com certeza salvou minha vida. Como cientistas normalmente nos esquecemos que existem aspectos que não podem ser controlados ou previstos com equações, os sentimentos. O trabalho desenvolvido por eles me ajudou a recuperar uma parte minha que eu tinha perdido, e que constituía todo o meu ser: meu encantamento com o mundo. Se eu tivesse perdido isso de forma definitiva seria, parafraseando Benjamin

Franklin, minha morte aos 20 anos, mesmo que eu fosse enterrado aos 80. (Leandro)

As técnicas de Comunicação Não-Violenta (CNV) podem ser aplicadas na prática pedagógica, pois auxiliam na reformulação da maneira como escutamos o outro e nos expressamos. Dessa forma, nossas palavras deixam de ser reações automáticas e repetitivas para se tornarem respostas conscientes, baseadas em nossa percepção, sentimentos e desejos. A CNV nos permite comunicar com clareza, ao mesmo tempo em que dedicamos uma atenção respeitosa e empática ao outro, permitindo-nos ouvir suas necessidades. De acordo com Rosenberg (2003, p. 17) “pela ênfase em escutar profundamente – a nós e aos outros -, a CNV promove o respeito, a atenção e a empatia e gera o mútuo desejo de nos entregarmos de coração”.

Aliado a esse pensamento, é possível citar Paulo Freire que chama a atenção para uma exigência muito importante na docência: saber escutar. A prática pedagógica não se completa apenas com ciência e técnica, algumas qualidades ou virtudes são necessárias, tais como: respeito aos outros, humildade, tolerância, disponibilidade a mudança e aceitar e respeitar as diferenças, o que não pode acontecer separado do ato de escutar o próximo.

Que me seja perdoada a reiteração, mas é preciso enfatizar, mais uma vez: ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido. É neste sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele (Freire, 2019a, p.117).

O estudo da CNV foi uma das primeiras atividades desenvolvidas pelo grupo e aconteceu durante a pandemia da Covid 19, período que impactou a todas as pessoas de forma diferente, inclusive cada petiano encarou esse momento a sua maneira.

Você me mostrou que era possível desenvolver uma pesquisa, conhecer novas pessoas, me tornar mais resiliente diante dos empecilhos da vida. Entretanto, sofri um duro golpe antes mesmo de te conhecer pessoalmente: a pandemia. Foi declarado pandemia exatamente dia 11 de março de 2020, meu aniversário. A partir desse dia, aquilo que deveria ser um sonho, se transformou em pesadelo. Uma sensação profunda de vazio e de que as coisas nunca

⁶ O petiano Leandro escreveu uma carta ao PET, portanto quando aparece a palavra “você” em suas narrativas é ao PET que ele se refere.

seriam como planejadas me tomou. Com o início do seu funcionamento de forma remota, a falta de recursos me imobilizou, eu me sentia inútil e um impostor, tantos colegas meus, petianos, contribuindo ativamente, com suas habilidades magníficas com você me mostrou que talvez tivesse sido um erro te conhecer. No primeiro semestre da pandemia esse sentimento de tristeza profunda me dominou e não consegui finalizar nenhuma das disciplinas das quais participei e senti também que estava falhando com você. O que eu poderia contribuir? Eu não tinha nenhuma outra habilidade além de saber, de forma rasa, Física e Matemática. (Leandro)

Então em 2020, quando nós pensamos “vamos começar com tudo!”, veio a pandemia do COVID-19, mal tivemos aula. Todo mundo acreditou que era um período curto e no final acabou sendo um período longo e incerto de mais ou menos 2 anos. Quando nós decidimos iniciar as atividades, todas foram remotas, o nosso PET começou remoto e foi muito desafiador. Inclusive, nós fizemos tanto nesse período, que fomos reconhecidos como o PET que mais trabalhou na pandemia, eu me enchi de orgulho, foi surreal. (Fabrício)

Com o PET, pude ter uma experiência única em minha formação, ao longo do ano de 2020 e em meio a pandemia tivemos que nos reinventar e aprender a realizar atividades no formato remoto, foi um desafio que o nosso grupo aceitou e fez com muita maestria. Fizemos um site para divulgar nossos eventos, construímos as redes sociais do Grupo e fizemos diversas atividades que abrangiam os pilares fundamentais do PET: a pesquisa, o ensino e a extensão. Nessa oportunidade, aprendi habilidades importantes como a Comunicação não-violenta, edição de vídeos, edição e criação de sites e redes sociais, habilidade de liderança e trabalho em grupo e por fim, cultivei bons valores com meus pares. (Marcelo)

Esses relatos ilustram claramente como as experiências podem variar significativamente de pessoa para pessoa mesmo quando estão inseridas em um contexto semelhante, como foi o caso de dar início a execução do projeto do novo grupo PET e de tirar os planos do papel para enfim fazê-los acontecer durante uma pandemia. É interessante notar que apesar de estarem enfrentando situações e desafios semelhantes dentro do grupo, os sentimentos e percepções de cada um foram diferentes. Como destaca Larrosa (2002), a experiência é o que nos passa, o que nos toca. É singular e irrepetível, moldada pelas circunstâncias únicas de cada sujeito. Isso ressalta a importância de reconhecer a individualidade de cada um e como suas histórias de vida,

valores e perspectivas influenciam as experiências e reações diante das mesmas circunstâncias, ou de circunstâncias muito parecidas.

Enquanto um dos participantes relatou sentir-se desmotivado e incapaz de contribuir de forma significativa durante a pandemia, o outro descreveu uma participação enriquecedora e produtiva, destacando o aprendizado de novas habilidades e o fortalecimento de valores positivos. Essa diversidade de vivências dentro do mesmo grupo ressalta a importância da empatia (que é um dos tópicos estudados na CNV) e da compreensão mútua. Ao reconhecer e respeitar as diferenças individuais, os membros do grupo PET podem apoiar uns aos outros de maneira mais eficaz, promovendo um ambiente de colaboração, aprendizado e crescimento mútuo. Nos relatos são rememorados alguns desses aprendizados que ficaram marcados em cada integrante do grupo.

Eu não consigo imaginar minha graduação sem o PET, já que entrei no grupo no meu primeiro ano, mas posso afirmar que minha formação foi especialmente completa fazendo parte do grupo. Lá eu aprendi coisas que não aprendemos em nenhum curso formal, aprendi a gerenciar problemas, aprendi sobre como funciona a universidade em si, tendo que lidar com a parte administrativa da UFU, aprendi coisas que nunca achei que teria interesse e, por último e mais importante, aprendi o que é fazer parte de um grupo que pensa no bem dos outros. (João Vitor)

O PET mudou minha vida, me motivou a não reprovar, me mostrou o caminho da pesquisa científica, me encantou com sua formação de excelência e me cativou mais ainda a defender a educação e me tornar um professor. (Marcelo)

Ao longo do tempo no PET, pude perceber mudanças significativas em minha formação. A experiência proporcionou-me um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades de pesquisa, ensino e extensão, além de promover uma compreensão mais profunda sobre o papel do educador no contexto acadêmico. Dentre os elementos que mais me impactaram dentro do programa, destaco a importância de ter uma mentora dedicada, a sensação de pertencimento ao grupo, as instigantes atividades de pesquisa, ensino e extensão, e a relevância de eventos e monitorias. Cada um desses aspectos contribuiu significativamente para a minha trajetória acadêmica e para a compreensão mais ampla do papel do profissional de educação. (Paulo Vinícius)

A minha vida mudou, porque eu saí da minha zona de conforto. Eu tive que aprender coisas novas, aprender a usar tecnologias novas, tive que aprender a deixar a vergonha de lado e encarar tudo o que aparecesse, uma vez que nós tínhamos que abranger os três pilares principais do PET, que são: ensino, pesquisa e extensão [...]. O PET virou a chave em mim, eu precisei correr atrás, ser proativo, ser organizado, ser prestativo, tive que aprender a estudar o que eu gostava e o que eu não gostava, tive que aprender a lidar com responsabilidades que até então, eu não tinha. (Fabrício)

Observando esses relatos, percebe-se que os momentos vivenciados no grupo despertaram diferentes percepções e aprendizados. Pelo fato de cada um ter seu lugar de fala e a possibilidade de ser ouvido pelos demais, as atividades do PET são uma maneira de realizar as vontades e os sonhos individuais, porém em prol de um coletivo. É uma forma de reconhecer que cada indivíduo tem a sua própria jornada e que é possível crescer e aprender ao compartilhar e respeitar as individualidades e diferenças. Apesar da vivência singular de cada um, percebe-se um comum sentimento de satisfação e de pertencimento, que também são compartilhados nas cartas.

O PET fez e sempre fará parte da minha vida, sendo um Grupo de excelência, de compromisso, de amizade, de crescimento e principalmente de fortalecimento. Sempre defendi o PET, enaltecendo seus feitos e suas ações que são impactantes para a comunidade externa, para o Instituto de Física, para o Curso de Licenciatura em Física e para a UFU e nunca deixei que falassem mal de nosso grupo ou de qualquer membro do PET Física Licenciatura. (Marcelo)

Todas essas experiências, levarei por toda a vida e torço para que esse PET nunca, de forma alguma se encerre, muito pelo contrário, que seja valorizado, que seja reconhecido como uma oportunidade de crescimento pessoal, acadêmico e profissional. O PET não quer dividir alunos com outros programas, o objetivo é impulsionar, motivar e enriquecer o curso de Física Licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia. Que o PET abra portas para os que virão, assim, como abriu pra mim! VIVA O PET! (Fabrício)

Desde as primeiras reuniões, ficou evidente que éramos um grupo coeso, unido não apenas entre os petianos, mas também em relação à nossa tutora. Hoje, posso afirmar com segurança que encontrei verdadeiros amigos nessa jornada. (João Vitor)

Cada petiano me ensinou algo distinto, mas o maior ensinamento foi a cooperação deles como um todo. Cooperação essa que talvez fosse um pouco aleatória e caótica, mas que no fim seguia uma direção óbvia... [...] quando eu parti, senti muitas saudades, e ainda sinto, de você, da minha contribuição aos meus colegas e da minha família petiana. Sinto saudades de conversar com eles, todos os dias. Eu nunca mais fui o mesmo do dia 10 de março de 2020, tanto de uma boa forma quanto de uma ruim. Mas sei que sem você, eu não estaria tão bem como hoje. Sem minha família petiana eu provavelmente teria me desencantado com o mundo e hoje estaria aqui apenas mais uma casca vazia. (Leandro)

O sentimento de pertencimento é muito importante na graduação e é um dos fatores que podem contribuir para a permanência do discente no curso. Os resultados de uma pesquisa de Pigosso, Ribeiro e Heidemann (2020) com formandos do curso de licenciatura em Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul mostram que um dos elementos importantes para fomentar a persistência dos estudantes é o sentimento de pertencimento e de valorização no curso. Nesse sentido, as possibilidades oferecidas pela Universidade são muito importantes, como é o caso do PET e dos demais programas que fomentam esse movimento, pois “podem promover a interação dos estudantes, originando a organização de grupos de estudos e de trabalho nos quais os ingressantes podem interagir, expressando seus conhecimentos e valores e contribuindo com o bem coletivo” (Heidemann e Espinosa, 2020, p. 456).

Em um ensaio escrito por De Moura Cavalcante, Da Silva e De Castro Menezes (2023) foram analisados relatos de discentes da graduação para entender a experiência estudantil referente ao sentimento de pertencimento, que incorpora o sentimento de ser valorizado, incluído e aceito. A pesquisa mostra que o empobrecimento das relações sociais durante o ensino remoto emergencial que aconteceu durante a pandemia impactou negativamente no sentimento de pertença dos alunos. Nas cartas, observa-se que fazer parte do PET ajudou a superar essa sensação de estar distante das pessoas e do curso.

Agora mudando um pouco de assunto, outra parte muito importante para mim foi estar participando do grupo durante a pandemia. Nesse período eu tinha contato com pouquíssimos alunos, apenas assistia as aulas e no máximo mandava alguma mensagem para alunos que poderiam me ajudar com algumas listas de exercícios ou para tirar dúvidas. Participar do grupo me fez sentir que eu não estava sozinha e que eu ainda tinha um vínculo com pessoas do curso, afinal foram dois anos em que ficamos distantes fisicamente das pessoas e da

universidade como um todo. As reuniões semanais, o grupo de estudo de comunicação não-violenta, as obrigações e a organização de eventos fizeram com que eu me aproximasse de pessoas que são muito importantes para mim. Fazer e se sentir parte de um grupo foi muito bom e importante durante essa caminhada. (Brenda)

No ensaio, os autores analisam três dimensões que são pertinentes a esse sentimento de pertencimento, entre elas a afetividade no processo de ensino e aprendizagem, processo esse que não se limita à dimensão cognitiva. Existem outros fatores, inclusive o componente afetivo interligado com a prática pedagógica. No contexto do ensaio “o apoio, a compreensão, a organização de conteúdos e boas estratégias didáticas na transmissão do conteúdo favorecem o ajuste dos discentes nas atividades universitárias” (De Moura Cavalcante, Da Silva e De Castro Menezes, 2023, p. 116). Sobre isso, Paulo Freire discorreu que:

Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e efetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. (Freire, 2019a, p. 138)

Fazendo um paralelo com o PET, a tutora exerce esse papel e o faz no campo da amorosidade e da afetividade, o que impacta diretamente na relação e no funcionamento do grupo. A professora Mariana exerce sua função de tutora no gosto de querer bem e no gosto da alegria, com respeito a cada um dos participantes do grupo. Exerce seu papel tendo consciência de que o rigor necessário não é incompatível com a amorosidade, muito pelo contrário, a amorosidade é necessária e indispensável para construir um ambiente favorável e para manter as relações pessoais e educativas. Todo seu comprometimento com o grupo é reconhecido e muito valorizado.

Eu agradeço a cada um dos integrantes e principalmente a tutora Mariana, que em diversos momentos poderíamos facilmente dizer que ela foi “Mãeriana”. (Fabrício)

Deixo o meu mais sincero agradecimento a Profa. Mariana Odashima, que é uma mulher incrível e, um exemplo de Professora, muito batalhadora, e que nunca deixou o PET de lado e sempre dedicou integralmente aos membros do grupo e ao crescimento do PET. (Marcelo)

E como uma orquestra precisa de um maestro para guiá-la, nosso grupo teve uma mulher muito gentil, amorosa e implacável, uma verdadeira líder, que trata todos os petianos como iguais e nos ajuda em tudo, a qualquer momento. Uma pessoa que sempre está disponível e se preocupa com o bem-estar do grupo, que busca constantemente novas parcerias e atividades. Ela fez com que cada um dos petianos se sentisse parte de um grupo, seja com as diversas comemorações que organizamos em nossa sala, bem como todas as confraternizações que ela gentilmente abriu as portas de sua casa para nos receber. Por isso, a tutora Mariana, eu tenho apenas que agradecer por ser nossa tutora. (João Vitor)

Como disse Paulo Freire sobre a prática docente

O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, [...]. Lido, por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes, fortes, dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. (Freire, 2019a, p. 141).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar qual as contribuições do PET na formação dos primeiros participantes do grupo do curso de Física Licenciatura da UFU. Sendo assim, é fundamental destacar a importância da pesquisa narrativa para compreender o impacto do Programa de Educação Tutorial (PET) na vida dos primeiros integrantes do grupo. As narrativas obtidas por meio das cartas dos participantes ofereceram uma janela única para visualizar as vivências pessoais e as transformações decorrentes da participação no PET. Ao adotar uma abordagem narrativa, pudemos explorar não apenas os aspectos objetivos do programa, mas também as nuances emocionais, as trajetórias de aprendizado e as percepções dos integrantes, enriquecendo a compreensão do fenômeno em estudo. Nesse sentido, os relatos (auto)biográficos forneceram *insights* valiosos que não seriam facilmente capturados por outros métodos de pesquisa mais tradicionais, permitindo uma análise mais abrangente e significativa do impacto do PET na vida dos participantes.

Os participantes relataram sobre o motivo de ingressarem no programa, os sentimentos do início das atividades do grupo durante a pandemia, a relevância do estudo da Comunicação Não-Violenta (CNV) que foi desenvolvido dentro do próprio grupo, os aprendizados que o PET deixou, o sentimento de pertencimento a um grupo e o reconhecimento ao trabalho da tutora.

As narrativas propiciaram a reflexão sobre a importância de uma abordagem metodológica que não seja puramente conteudista e que respeite a autonomia do ser do educando, dando espaço para que os alunos se desenvolvam e explorem novos lugares. Com essa atitude e com professores que acreditam nos discentes surgiu a oportunidade do curso de Física Licenciatura compor um grupo do Programa de Educação Tutorial Institucional da UFU. Essa oportunidade permitiu que os alunos participantes aprendessem a se comunicar, expressar suas ideias e respeitar os demais em prol da coletividade e do desenvolvimento do grupo.

Com as narrativas foi possível perceber como a história que cada um carrega é extremamente importante. Mesmo passando por situações parecidas dentro do grupo, os petianos tiraram aprendizados diferentes dos momentos vividos, isso acontece por conta da singularidade de cada um. Entender e respeitar essas individualidades é um diferencial que permite que os integrantes do grupo apoiem uns aos outros de maneira eficaz, promovendo aprendizado e crescimento mútuo.

A coesão do grupo e o bom relacionamento com a tutora trouxe um sentimento de pertencimento e de satisfação de fazer parte do grupo, que são muito importantes para a permanência e o bom andamento do aluno no curso. A seriedade que a tutora põe em seu

trabalho em conjunto com o respeito, a afetividade e a amorosidade, o gosto pela alegria e pelo querer bem, faz com que o seu trabalho seja apreciado, reconhecido e muito valorizado pelos primeiros integrantes do PET Física Licenciatura da UFU.

Por fim, os resultados desse trabalho evidenciaram a importância das atividades desenvolvidas dentro do próprio grupo como foi o estudo da CNV que impactou grande parte dos petianos, o que demonstra que esse tipo de atividade pode acontecer mais vezes, seja em um momento de estudo de alguma língua estrangeira, de matéria do próprio curso, de atividade de formação de algo que seja de interesse do grupo. Apesar de citarem que o PET se baseia no ensino, pesquisa e extensão, os petianos não relataram nenhuma atividade específica de extensão que tenha sido marcante para eles, o que suscita a necessidade de uma análise mais criteriosa dessa vertente do programa. Portanto, uma reflexão mais profunda sobre o conceito de extensão e sua integração efetiva no programa pode ser necessária para garantir que o PET continue proporcionando aprendizados enriquecedores para seus participantes.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGÃO, R. Emoções e pesquisa narrativa: transformando experiências de aprendizagem. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, p. 295-320, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/D7GkvbGtXPTZX5gmZzxTJGS/>. Acesso em: 12 set 2023.
- Balau-Roque M. M. **A experiência no programa de educação Tutorial (PET) e a formação do estudante do Ensino Superior**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 119, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/864951>. Acesso em: 20 set. 2023.
- BALBACHEVSKY, E. O programa especial de treinamento – PET/CAPES e a graduação no ensino superior Brasileiro. **Boletim Informativo**, v. 6. n.2. p.6 – 23. 1998. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/1998INFOCAPESn21998.pdf>. Acesso em: 21 fev 2024.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Manual de Orientações Básicas do Programa de Educação Tutorial (MOB-PET)**. Brasília. 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=338-manualorientbasicas&category_slug=pet-programa-de-educacao-tutorial&Itemid=30192. Acesso em: 24 fev. 2024.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4504474/mod_resource/content/1/BOSI%2C%20E.%20Mem%C3%B3ria%20e%20sociedade.%20Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 12 set. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde. **Covid 19**. Disponível em: <https://bvsm.sau.gov.br/covid-19-2/>. Acesso em: 21 fev. 2024.
- BRUNER, J. **Atos de significação**. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.
- CARVALHO, M. E. P. de. Mulheres na Física: experiências de docentes e discentes na educação superior. **Cadernos Pagu**, v. 62, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/ZXnS4kmJKCDfVTyPjQM4qSp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 abr. 2024.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa**. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- DA SILVA, J. B. A. P. et al. Evolução e contribuições do Programa de Educação Tutorial: análise recente do PET no curso de Ciências Econômicas da UFMG. **Revista Multiface Online**, v. 8, p. 53-81, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/multiface/article/view/26428/20270>. Acesso em: 21 fev. 2024.

DA SILVA SOUSA, M. G.; DE OLIVEIRA CABRAL, C. L. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, 2015. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149/102>. Acesso em: 12 set. 2023.

DE CARVALHO, S. M.; DA SILVA, C. A.; RODRIGUES, J. O. F. Análise da presença feminina no curso de licenciatura em Física da UFT. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 13, n. 42, p. 126-135, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/brend/Downloads/11444-46264-1-PB.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2024.

DE MOURA CAVALCANTE, A. V. C.; DA SILVA, A. C.; DE CASTRO MENEZES, A. B. Ensino Remoto Emergencial: a perda do sentimento de pertencimento à universidade. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 13, n. 2, p. 107-126, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/re.v13i02.50893>. Acesso em: 16 abr. 2024.

DESSEN, M. A. O Programa Especial de Treinamento-PET: evolução e perspectivas futuras. **Didática**, v. 30, p. 27-49, 1995.

DREBES, L. M. et al. A dinâmica do Programa de Educação Tutorial (PET). **Enciclopédia Biosfera**, v. 8, n. 15, 2012. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2012b/multidisciplinar/a%20dinamica.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

FREIRE, A. M. de A. **Paulo Freire: uma história de vida**. 2 ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, P. **Educação como prática da Liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 62. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 27 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo, UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b. 256 p.

FREIRE, P. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'Água, 1993.

FREIRE, P. **Quatro cartas aos animadores e às animadoras culturais**. República de São Tomé e Príncipe: Ministério de Educação e Desportos, São Tomé, 1980. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/1160> Acesso em: 12 set. 2023.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. Editora Ática, 2004. Disponível em: <https://portalbiblioteca.ufra.edu.br/images/Ebook/letrasportugues/comoanalisanarrativas7ed8implivro.pdf>. Acesso em: 12 set. 2023.

HEIDEMANN, L. A.; ESPINOSA, T. A evasão nos cursos de graduação: como entender o problema?. **Revista Educar Mais**, v. 4, n. 3, p. 451-459, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1939>. Acesso em: 16 abr. 2024.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 abr. 2024.

MARTIN, M. da G. M. B. **O Programa de educação tutorial (PET): Formação ampla na graduação**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/2992>. Acesso em: 21 fev. 2024.

MARTINS, I. et al. Programa de educação tutorial-PET: contribuições para a formação pessoal e social. **Revista Eletrônica do Programa de Educação Tutorial-Três Lagoas/MS**, v. 2, n. 2, p. 307-313, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/REPET-TL/article/view/12077>. Acesso em: 20 set. 2023.

MARTINS, I. L. **Educação Tutorial no Ensino Presencial: uma análise sobre o PET**. In: PET Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação. Brasília: Ministério da Educação, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/PET/pet_texto_iv.pdf. Acesso em: 21 fev. 2024.

MELO FILHO, J. F. Programa de Educação Tutorial: trajetória, desafios e articulações. **Revista Eletrônica do Programa de Educação Tutorial-Três Lagoas/MS**, v. 1, n. 1, p. 33-56, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/REPET-TL/article/view/8134>. Acesso em: 21 fev. 2024.

MÜLLER, A. **Qualidade no Ensino Superior: a luta em defesa do programa especial de treinamento**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2003.

NEGRÃO, F. da C.; GONZAGA, A. M. A escrita de si por meio da metodologia de cartas (auto)biográficas. **Anais VIII Congresso Nacional de Educação (CONEDU)**. Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/89808>. Acesso em: 6 mar. 2024.

PAIVA, V. L. M. de O. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 8, p. 261-266, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2024.

PIGOSSO, L. T.; RIBEIRO, B. S.; HEIDEMANN, L. A. A Evasão na Perspectiva de quem Persiste: um Estudo sobre os Fatores que Influenciam na Decisão de Evadir ou Persistir em Cursos de Licenciatura em Física Pautado pelos Relatos dos Formandos. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, p. 245-273, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/16189/16701>. Acesso em: 16 abr. 2024.

ROSENBERG, M. B. **Comunicação Não-Violenta**. 2. ed. São Paulo: Ed. Ágora. 2003.
ROSIN, S. M.; GONÇALVES, A. C.; HIDALGO, M. M. Programa de educação tutorial: lutas e conquistas. **ComInG [Internet]**, v. 2, n. 1, p. 70-79, 2017. Disponível em:
<https://core.ac.uk/download/pdf/231218835.pdf>. Acesso em: 24 maio 2024.

SILVA, D. G. V. da; TRENTINI, M. Narrativas como técnica de pesquisa em enfermagem. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 10, p. 423-432, 2002. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rlae/a/CfZzTLGbF7qtpC9wGZT6YRc/>. Acesso em: 12 set. 2023.

TELLES, J. A. “É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 5, n. 2. p. 91 – 116, 2002. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15560/9747>. Acesso em: 12 set. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Manual de regulamentação dos grupos PET MEC e PET institucional da UFU**, 2016. Disponível em:
http://www.infis.ufu.br/system/files/conteudo/manual_pet.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023.

VIZZOTTO, P. A. Um panorama sobre as licenciaturas em Física do Brasil: Análise descritiva dos Microdados do Censo da Educação Superior do INEP. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 43, e20200376, 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbef/a/YJK8m9kPLvpJhgsqbdnBbZd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 abr. 2024.

ZAQUEU, A. C. M. **O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na formação de professores de matemática: perspectivas de ex-bolsistas**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, p. 269, 2014. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/a1b18162-3247-46e4-865a-817938481d61/content>. Acesso em: 12 set. 2023.